

Universidade da Beira Interior



Departamento de Comunicação e Artes

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO

Relatório de Estágio Pedagógico apresentado à Universidade da Beira Interior para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Maria Edite Dos Santos Silva António

Covilhã 2010

Todas as afirmações efectuadas no presente documento são da exclusiva responsabilidade da sua autora, não cabendo qualquer responsabilidade ao Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior pelos conteúdos nele apresentados.

Este relatório não foi aceite em nenhuma outra instituição para qualquer grau nem está a ser apresentada para obtenção de um outro grau para além daquele a que diz respeito.

O candidato,

Covilhã, 28 de Junho de 2010

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António Delgado, por todo o apoio e orientação que prestou ao longo do ano lectivo, pela orientação acompanhada de disponibilidade e ajuda no crescimento individual.

Ao professor Cooperante da UBI Professor João Paulo Trigueiros, por todo o apoio e orientação durante o estágio.

A todas as colegas do Núcleo de Estágio das Artes Visuais, Alexandra Pereira, Natália Craveiro e Paula Tavares, pelos conselhos, pela ajuda e pela paciência em ouvir as minhas lamentações.

À Judite e ao Manuel pela clarividência, pelo ânimo e pelo enorme incentivo, que foi uma condição *sine qua non*.

Índice

Agradecimentos.....	I
Índice.....	II
Índice de Tabelas.....	VI
Índice de Gráficos.....	VII
Índice de Figuras.....	VIII
Prefácio.....	IX
Preface.....	XI
Siglas.....	XIII
1 Introdução	2
1.1 Núcleo de Estágio	3
1.2 Os Orientadores	3
1.3 Caracterização da Escola.....	4
1.3.1 O meio envolvente.....	4
1.3.2 A Escola.....	5
1.3.3 Caracterização da Comunidade Educativa	6
1.3.4 Pessoal Docente.....	6
1.3.5 Pessoal Não Docente	7
1.3.6 Estrutura organizacional.....	7
1.4 Caracterização do grupo das Artes Visuais	8
1.4.1 Natureza	8
1.4.2 Composição do Grupo.....	8
1.4.3 Salas de Educação Visual	9
2 Planificação.....	11
2.1 Calendário das aulas assistidas	11
2.2 Planificação Anual	12
2.3 Planificação de Unidade de Trabalho.....	13
2.4 Planificação de Aula/Núcleo de Aulas	14
3 Caracterização da Turma	16
3.1 O 7.º C	16
4 Unidades Temáticas	27
4.1 Primeiro Período.....	27
4.1.1 Caracterização de acordo com a Planificação Anual	27

4.1.2	Objectivos da Unidade.....	27
4.1.3	Actividades desenvolvidas.....	27
4.1.4	Atribuição de níveis	28
4.2	Segundo período	29
4.2.1	Caracterização de acordo com a Planificação Anual	29
4.2.2	Objectivos da Unidade.....	29
4.2.3	Actividades desenvolvidas.....	30
4.2.4	Visita de Estudo.....	30
4.2.5	Atribuição de níveis	32
4.3	Terceiro Período	33
4.3.1	Caracterização de acordo com a Planificação Anual	33
4.3.2	Objectivos da Unidade.....	34
4.3.3	Actividades desenvolvidas.....	34
4.3.4	Atribuição de níveis	35
4.3.5	Actividades Extra-Curriculares	37
4.3.6	Actividades do Núcleo de Estágio	39
5	Unidade de Trabalho Forma	44
5.1	Descrição da Unidade de Trabalho Forma.....	45
5.2	Propostas de trabalho e respectivos resultados.....	50
5.2.1	Aula número 1 e 2 (vol. II, anexo 5, pág. 27).....	50
5.2.2	Aula número 3 e 4 (vol. II, anexo 6, pág. 30).....	52
5.2.3	Aula número 5 e 6 (vol. II, anexo 7, pág. 34).....	54
5.2.4	Aula número 7 e 8 (vol. II, anexo 8, pág. 37).....	56
5.2.5	Aula número 9 e 10 (vol. II, anexo 9, pág. 40).....	59
5.2.6	Aula número 11 e 12 (vol. II, anexo 10, pág. 44).....	61
5.2.7	Aula número 13 e 14 (vol. II, anexo 11, pág. 47).....	62
5.3	Actividades desenvolvidas com vista a complementar o trabalho executado no espaço “sala de aula”	64
5.4	Plano de investigação para a testagem da hipótese	65
5.5	Análise e implicações	67
5.6	Reacções dos alunos	68
5.7	Conclusão reflexiva da evolução dos alunos	69
5.8	A avaliação	69
5.8.1	Avaliação sobre a Unidade de Trabalho.....	70
5.8.2	Objectivos/funções da avaliação	70

5.8.3	Critérios de Avaliação.....	71
5.8.4	Avaliação do trabalho desenvolvido	74
5.8.5	Auto-avaliação dos alunos.....	75
5.8.6	Reflexão sobre a avaliação das actividades.....	76
6	Conclusão	78
6.1	Prática docente.....	78
6.2	Atitudes.....	79
6.3	Experiência científica.....	80
7	Glossário.....	82
8	Bibliografia	86

Índice de Tabelas

Tabela 1	Organização interna da escola.....	5
Tabela 2	Gestão dos tempos lectivos.....	11
Tabela 3	Gestão global dos tempos lectivos.....	11
Tabela 4	Critérios de êxito.....	73

Índice de Gráficos

Gráfico 3.1	Sexo.....	17
Gráfico 3.2	Idade.....	17
Gráfico 3.3	Retenções.....	18
Gráfico 3.4	Meio de transporte utilizado na deslocação à escola.....	18
Gráfico 3.5	Tempo de deslocação à escola.....	19
Gráfico 3.6	Situação conjugal dos pais.....	19
Gráfico 3.7	Número de irmãos.....	20
Gráfico 3.8	Pessoas com quem vive.....	20
Gráfico 3.9	Habilitações literárias da mãe.....	21
Gráfico 3.10	Habilitações literárias do pai.....	21
Gráfico 3.11	Profissão da mãe.....	22
Gráfico 3.12	Profissão do pai.....	22
Gráfico 3.13	Sase.....	23
Gráfico 3.14	Disciplinas preferidas.....	23
Gráfico 3.15	Disciplinas com dificuldade.....	24
Gráfico 3.16	Problemas de saúde.....	24
Gráfico 3.17	Profissão que pretende exercer.....	25
Gráfico 4.1	Níveis atribuídos no 1.º período.....	28
Gráfico 4.2	Percentagem dos níveis atribuídos no 1.º período.....	28
Gráfico 4.3	Níveis atribuídos no 2.º período.....	32
Gráfico 4.4	Percentagem de níveis atribuídos no 2.º período.....	32
Gráfico 4.5	Evolução dos resultados do 1.º para o 2.º período.....	33
Gráfico 4.6	Níveis atribuídos no 3.º período.....	35
Gráfico 4.7	Percentagem de níveis atribuídos no 3.º Período.....	35
Gráfico 4.8	Evolução dos resultados ao longo do ano.....	36
Gráfico 4.9	Sucesso/Insucesso da Turma.....	36

Índice de Figuras

Fig.1	Vista exterior do pátio.....	5
Fig.2	Exterior do P. Gimnodesportivo.....	5
Fig.3	Interior da sala de aula.....	9
Fig.4	MUDE, Lisboa e Casa das Histórias Paula Rego, Cascais.....	31
Fig.5	Centro Educativo – Museu de Lanifícios, Covilhã.....	38
Fig.6	Visita de estudo ao Museu de Lanifícios.....	39
Fig.7	Painel de Parede	40
Fig.8	Cartazes.....	41
Fig.9	Painel do dia “D” da Escola	42
Fig.10	Frutos naturais.....	50
Fig.11	Registo gráfico do fruto a lápis de grafite	51
Fig.12	Registo gráfico do fruto a esferográfica.....	51
Fig.13	1.º TRABALHO Registos gráficos a lápis de grafite e esferográfica	53
Fig.14	Registo gráfico de dois materiais diferentes (lápis de cor e marcadores).....	54
Fig.15	2.º TRABALHO Registos utilizando a técnica de dois materiais diferentes....	55
Fig.16	Superfícies texturadas com papel, colagens e papeis reciclados	57
Fig.17	3.º TRABALHO Aplicação de vários tipos de material, criando texturas.....	58
Fig.18	A linha enquanto elemento gerador da forma.....	60
Fig.19	4.º TRABALHO Contorno, linhas interiores e textura Novo objecto.....	60
Fig.20	4.º TRABALHO Transformação do objecto.....	61
Fig.21	Elementos visuais da forma, o ponto, a linha, a textura e volume	62
Fig.22	5.º TRABALHO Composição Visual	63

Prefácio

Este relatório pretende, para além, da indispensável análise da preparação teórica e da subsequente aplicação prática da unidade de trabalho proposta, também introduzir um elemento de análise científica na componente lectiva. O trabalho do professor deve ir muito além da simples preparação teórica e posterior aplicação prática. O professor deve também inovar e adaptar-se cientificamente aos alunos através da experimentação de novos métodos de ensino, seja por meio da alteração das estratégias de ensino para determinado tipo de alunos, seja através da alteração dos meios e materiais que utiliza para ensinar. Esta veia científica do professor deve, no entanto, manter-se sempre dentro dos limites do programa de ensino proposto e não pode perder o seu foco e o seu objectivo último, o de transmitir o conhecimento. Isto não significa que não possa inovar e fazer experiências novas com os seus alunos não só para os conseguir motivar, ensinar e enriquecer, mas também para alcançar novos métodos que poderão depois ser aplicados e refinados de modo a obter melhores resultados no futuro.

O trabalho será dedicado à Unidade de Trabalho - **Forma**. Serão abordadas a “Situação problemática”, a “Reflexão teórica”, o “Desenvolvimento das actividades”, os “Condicionantes” e a “Avaliação” dos conteúdos programados nesta unidade.

Para o efeito, recorreu-se à planificação da unidade didáctica, aos planos de aulas assistidas, às fichas de trabalho e aos PowerPoints utilizados na apresentação da matéria. De igual modo também foram utilizados os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e as estratégias de ensino/aprendizagem, a respectiva avaliação dos trabalhos, textos e livros publicados, colocando ao serviço deste estudo um conjunto de informações das mais diversas proveniências.

Os conhecimentos teóricos e as sugestões científicas adquiridas no 1.º e 2.º Semestre do primeiro ano de Mestrado, foram fundamentais para chegar a muitas das conclusões práticas do estágio pedagógico. Neste sentido, e como se pretende não só formar futuros professores, mas também permitir que esses *“apliquem as aprendizagens realizadas durante a formação básica”* serão partilhados no decorrer deste relatório alguns conhecimentos e competências adquiridas na formação do Estágio Pedagógico.

Este relatório pretende igualmente ser um testemunho do que foram nove meses de trabalho intensivo e compensadores com a Turma C do 7.º Ano do 3.º Ciclo do Ensino Básico na Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras - Covilhã.

Palavras-Chave: educação, ensino/aprendizagem, planificação, unidade didáctica A Forma, finalidades, objectivos e critérios de avaliação, investigação para testagem de hipótese.

Preface

This report intends, besides the indispensable analysis of the theoretical preparation and the subsequent practical application of the proposed didactical unit, to accomplish also an element of scientific analysis in the teaching method. The work of the teacher should go far beyond the simple theoretical preparation followed by the application of the methods in the practical work. Teachers must also innovate and adapt themselves scientifically to their students through the experimentation of new teaching methods, be it through changes in teaching strategies for certain kind of students, or through changes of the means and the materials used to support teaching practice. This scientific tendency of the teacher must, however, be held within the boundaries of the proposed teaching program in order not to lose its focus and final goal: transmitting knowledge. This does not, however, mean that the teacher should not innovate and try new experiences with his students not only to motivate, teach and enrich their knowledge, but also to achieve new teaching methods that can be applied and refined in order to obtain better results in the future.

This essay will be dedicated to the didactical unit of **The Form**. The “Problematic situation”, the “Theoretical reflection”, the “Development of the activities”, the “Constraints” and the “Assessment” of the programmed contents of this pedagogical unit are all fundamental items that will be thoroughly analysed.

For this purpose also the planning and preparation of the didactical unit, the plans for the assisted lessons, the working cards and the PowerPoint files used during the lessons were used. Other items used were the work developed by the students, the strategies of teaching/learning, the assessment of the work done by the students, published texts and books. All this material and information of several origins was necessary to support this essay.

The theoretical knowledge and the scientific suggestions acquired in the first and second semester of the master's degree, were essential to obtain most of the practical conclusions of the pedagogical internship. Since the intention is not only to graduate future teachers, but also to create the foundations for them to “*apply the acquired knowledge from the basic education*”, some of the knowledge and competences acquired during the pedagogical internship will be shared in this report.

This report also intends to be a testimony of nine months of intensive but very enriching work with class C of the 7th year at the Basic and Secondary School Quinta das Palmeiras in Covilhã, Portugal.

Key-words: education, teaching/learning, planning and preparation of lessons, didactical unit The Form, assessment goals, assessment objectives and assessment criteria, investigation to test hypothesis.

Siglas

BE/CRE	Biblioteca Escolar/Centro de Recursos da Escola
DT	Director de Turma
EN	Ensino Normal
MUDE	Museu do Design e da Moda
NEE	Necessidades Educativas Especiais
SASE	Serviço de Acção Social Escolar
SPO	Serviço de Psicologia e Orientação
TCT	Teixoso – Covilhã – Tortosendo
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
TPC	Trabalhos para casa
UBI	Universidade da Beira Interior

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1 Introdução

“Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspectiva deve, no futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto em nível da elaboração de programas como da definição de novas políticas pedagógicas.”¹

Este relatório vai debruçar-se sobre a Unidade de Trabalho - Forma, que iremos analisar e esmiuçar, e cuja experiência servirá para a consciencialização do que deve ser a preparação teórica e subsequente aplicação prática na sala de aula de modo a conseguirmos no final chegar a uma conclusão. Não havendo modelo de referência sobre o Mestrado em Ensino das Artes Visuais optou-se por uma súmula das estratégias aplicadas no estágio pedagógico.

Num primeiro momento, e embora iremos restringir o nosso estudo à Unidade de Trabalho “Forma”, devemos fazer uma apresentação inicial acerca do Estágio Pedagógico e do meio envolvente em que o estágio decorreu. Este relatório pretende, para além disso, desencadear mecanismos de adequação ao actual contexto socio-educativo.

Este documento intenta ser não só um documento orientador de estágio mas também um projecto, um fio condutor, que poderá tomar múltiplas direcções e múltiplas formas para atingir o mesmo fim.

O segundo capítulo apresenta o calendário das aulas assistidas no decorrer do ano lectivo. É também neste capítulo que procuramos analisar os diferentes tipos de planificação, dando destaque à Planificação Anual à Planificação de Unidade de Trabalho e por último à Planificação de Aula ou Núcleo de Aula.

O terceiro capítulo enquadra a caracterização da turma. Neste capítulo podemos descobrir a idade dos alunos, o que os move, o que os motiva, conhecer o seu agregado familiar e de que forma se pode despertar o seu interesse e cativá-los para que vivam connosco a aventura da aprendizagem e da descoberta.

O quarto capítulo, “Unidades Temáticas”, retoma algumas premissas do segundo capítulo e analisa todo o desenvolvimento das Unidades de Trabalho no decorrer do ano lectivo. Importa neste capítulo descobrir e compreender todo o processo relativo à realidade da sala de aula e fazer referência ao processo ensino/aprendizagem descrevendo-se todo o

¹ in AA.VV. (Jacques Delors), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, 8.ª ed., Porto: Edições Asa, 2003, p. 88.

desenvolvimento de práticas lectivas. A Unidade de Trabalho Forma será referida com maior destaque no capítulo quinto em que serão abordadas a “Situação problemática”, a “Reflexão teórica”, o “Desenvolvimento das actividades”, os “Condicionantes” e a “Avaliação” dos conteúdos programados nesta unidade.

Por último iremos abordar as actividades Extra-Curriculares.

O sexto capítulo dedica-se inevitavelmente às conclusões e sugestões sobre o trabalho desenvolvido.

O sétimo capítulo elucida-nos o significado dos principais termos que ocorrem ao longo do texto.

1.1 Núcleo de Estágio

O núcleo de estágio era constituído por quatro elementos, Edite António, Alexandra Pereira, Natália Craveiro e Paula Tavares. O relacionamento entre as estagiárias foi bom, o trabalho em conjunto e a coordenação das actividades efectuou-se sempre da melhor forma. As estagiárias reuniam-se na escola para assistir às aulas leccionadas pelo Orientador Cooperante da UBI professor João Paulo Trigueiros, para leccionar as aulas e para discutir as planificações das aulas (discutir qual a melhor estratégia para uma boa prática lectiva), que foi sendo desenvolvida durante o ano lectivo, sempre com o acompanhamento do Orientador Cooperante Professor João Paulo Trigueiros, que esteve sempre presente e empenhado na progressão das estagiárias, como pessoas e futuras professoras profissionalizadas.

A reunião com o Orientador Científico Doutor António Delgado ocorria às quartas-feiras para discutir o trabalho desenvolvido pelas estagiárias.

1.2 Os Orientadores

Sempre que reflectia sobre o estágio havia algo que causava um certo receio, a questão de ter alguém a “vigiar”, a criticar e avaliar dia/após/dia. No início do ano este receio ainda se mantinha, mas com o convívio com o orientador esse receio foi-se desvanecendo. A opinião foi-se alterando porque se chegou à conclusão que não era apenas avaliador mas essencialmente orientador e que estava presente para ajudar, orientar e esclarecer dúvidas que sempre existam.

O orientador, para além do papel importante que lhe foi atribuído e que desempenhou com excelente profissionalismo, tornou-se sobretudo um amigo, pois esteve sempre

presente nos bons e nos maus momentos, apoiando, ajudando e encaminhando nas melhores opções para uma boa prática lectiva.

O orientador científico, o Professor Doutor António Delgado, prestou ao longo do ano lectivo orientação acompanhada de compreensão, disponibilidade e ajuda no crescimento das estagiárias como pessoas e professoras.

As aulas assistidas foram muito importantes para a evolução profissional, uma vez que a estagiária já lecciona desde o ano 2000.

1.3 Caracterização da Escola

“A Escola Secundária com Terceiro Ciclo Quinta das Palmeiras - Covilhã, criada pelo despacho n.º 1783/2005, publicado no diário da República, 2.ª série, n.º 18 de 26 de Janeiro de 2005 foi numa primeira fase designada por Escola Secundária n.º 3 da Covilhã, criada pela portaria 791/86 de 31 de Dezembro de 1986 e numa segunda fase por Escola Básica do 3.º Ciclo Quinta das Palmeiras, de acordo com o despacho n.º 12006/99, de 23 de Junho de 1999. A Escola Secundária com Terceiro Ciclo Quinta das Palmeiras - Covilhã foi construída na antiga “Quinta das Palmeiras” e entrou em funcionamento no ano lectivo de 1987/88. No ano lectivo 2003/2004 esta Escola iniciou a leccionação do Ensino Secundário. A Escola insere-se numa área residencial de expansão urbana da Covilhã e confina com o Centro Comercial Serra Shopping, com o acesso da cidade ao Eixo TCT e, em parte, com o próprio Eixo.”²

1.3.1 O meio envolvente

O concelho da Covilhã tem o privilégio de ser um dos municípios pertencentes à Serra da Estrela, *“parte integrante da Meseta Ibérica, domina uma vasta zona que se estende desde a Fronteira de Espanha aos campos do Mondego e à Cova da Beira.”*³

² *Regulamento Interno*, Covilhã: Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, Maio de 2009, p. 2.

³ *Projecto Educativo*, Covilhã: Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, 2006/2007 p. 4.

1.3.2 A Escola



Fig.1: Vista exterior do pátio



Fig.2: Exterior do P. Gimnodesportivo

A Escola dispõe de uma grande área envolvente com vários espaços verdes e pátios asfaltados. Todos estes espaços exteriores apenas têm sido alvo de intervenções pontuais dentro das possibilidades internas. O estado de conservação da escola é considerado bom, as entradas são vigiadas e a vedação é eficaz.

Na tabela 1 podemos observar que a Escola é composta por três blocos de dois pisos e por um de apenas um piso e um Pavilhão Gimnodesportivo sendo actualmente a sua organização interna a seguinte:

Bloco A	Sala de Informática, Sala de Multimédia, Secretaria, Salas de aula, Reprografia, Biblioteca, Salas de Professores, Buffet/Bar, Sanitários, Conselho Executivo, Sala de D T, Sala de Reuniões, SPO e SASE.
Bloco B	Laboratórios, Arrecadações, Salas de aula, Sanitários, Anexos laboratório.
Bloco C	Salas de aula, Arrumos, Salas de E. Visual, Salas de Oficinas de Artes, Sanitários, Laboratório de TIC .
Bloco D	Refeitório, Sala de Associação de Estudantes, Sala Associação de Pais, Sala de Convívio/Alunos, Gabinete de NEE e Sanitários.
Pavilhão Gimnodesportivo	Balneários, Sanitários, Sala de Professores, Arrumos e Arrecadação.

Tabela 1: Organização interna da escola

1.3.3 Caracterização da Comunidade Educativa

A Escola recebe anualmente cerca de 750 alunos, que residem, na sua maioria, na própria cidade. Alguns, porém, vivem nas freguesias dos arredores: Tortosendo, Boidobra, Refúgio, Peraboa, Santo António, Vila do Carvalho e Ferro.

Os alunos encontram-se distribuídos pelo terceiro ciclo do Ensino Básico, de três anos de escolaridade (7.º, 8.º e 9.º) e pelo Ensino Secundário com três anos de escolaridade (10.º, 11.º e 12.º) e agrupados por turmas constituídas dentro dos valores definidos por lei. Os alunos são distribuídos por cinco turmas no sétimo ano, seis turmas no oitavo ano e sete turmas do nono ano distribuídas pelos cursos Científico/Humanístico. Da oferta formativa da Escola fazem parte ainda Cursos Profissionais, Cursos Tecnológicos e Cursos de Educação e Formação, agrupados por turmas constituídas dentro dos valores definidos por lei.

Cerca de cento e quarenta alunos auferem apoio social escolar e tem havido, anualmente, um considerável número de alunos com necessidades educativas especiais em aspectos diversos.

O horário de funcionamento das actividades lectivas é distribuído por três blocos de noventa minutos no período da manhã e outros três blocos no período da tarde. As actividades lectivas têm início às oito horas e vinte minutos, com término às treze horas e vinte minutos. As treze horas e vinte cinco minutos marcam o início do período da tarde, que termina às dezoito horas e vinte minutos.

1.3.4 Pessoal Docente

O corpo docente da Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras composto por cerca de uma centena de professores, na sua maioria pertencendo ao quadro de nomeação definitiva, relevando a estabilidade decorrente da residência na cidade. O número de professores contratados é pouco significativo.

A distribuição de serviço docente faz-se de acordo com as seguintes funções: Director; Director de Turma; Coordenador dos Departamentos Curriculares; Coordenador de Directores de Turma; Coordenadores de Ciclo (3.º Ciclo e Secundário); Serviços de Psicologia e Orientação; Coordenador de Projectos; Docente de Apoio, Coordenador da BE/CRE; Coordenador dos cursos profissionais; Coordenador de Clubes/Projectos; Professor do Ensino Especial; Orientadores de Estágio e Coordenador do ensino especial.

1.3.5 Pessoal Não Docente

O pessoal não docente é composto por dois grupos distintos, englobando os auxiliares de acção educativa e os funcionários administrativos, num total de cerca de 40 elementos.

No entanto, esta Escola tem um Psicólogo Educacional, um Assistente (Francês) seis cozinheiros/Auxiliar e dois Guardas Nocturnos.

1.3.6 Estrutura organizacional

Os órgãos fundamentais da Escola são os que a seguir se apresentam, sendo o seu funcionamento definido pelos respectivos regimentos internos.

O Concelho Pedagógico é composto por dezassete elementos votantes: seis representantes do pessoal docente; três representantes dos pais e encarregados de educação; dois representantes do pessoal não docente; dois representantes das actividades de carácter económico, social e/ou cultural; dois representantes da autarquia local; um representante dos alunos do ensino secundário; e um representante da Universidade da Beira Interior.

O Director participa nas reuniões do Concelho Geral, sem direito a voto.

Compete a estas estruturas a articulação vertical e horizontal dos currículos, a participação na construção do Projecto de Turma, a organização e gestão do processo de ensino/aprendizagem, a definição das competências e das aprendizagens essenciais e a aplicação das competências transversais e gerais. As suas funções são as definidas na legislação em vigor e no Regulamento Interno de Escola.

A organização curricular da escola tem subjacente a legislação em vigor, bem como as suas adequações ao contexto local e regional, traduzidas nas grandes opções definidas no Projecto Curricular de Escola. No âmbito deste Projecto, a escola apresenta um conjunto de condições e recursos considerados suficientes para garantir a necessária e conveniente diversificação de métodos de ensino e a utilização activa das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, garantindo um processo de ensino/aprendizagem mais apropriado às reais necessidades dos alunos. A organização curricular obedece a princípios que garantem a articulação entre os saberes, a coerência e a sequencialidade nos percursos escolares.

O Projecto Educativo da Escola constitui-se como um instrumento privilegiado da autonomia, garantindo uma melhor qualidade dos serviços prestados. Por outro lado, permite e justifica toda a estrutura organizacional da escola, pois a sua orientação global é a tradução das prioridades de desenvolvimento pedagógico, cuja concretização é dada

pelo Plano Anual de Actividades em consonância com o Regulamento Interno. Sendo um projecto, tal documento deve ser encarado como um processo dinâmico que requer uma participação activa e um debate empenhado no sentido de promover uma reflexão conjunta. Implementar este Projecto Educativo significa vivê-lo de uma forma intensa, utilizando-o como um instrumento de mudança e de melhoria da qualidade da escola.

1.4 Caracterização do grupo das Artes Visuais

1.4.1 Natureza

1- *“O Grupo Seiscentos é uma estrutura de orientação educativa que colabora com o Departamento de Expressões, Director, e Comunidade Escolar em geral no sentido de assegurar o acompanhamento eficaz do percurso escolar dos alunos na perspectiva da promoção da qualidade educativa.*

2 - *Esta estrutura de orientação educativa constitui uma inovação fundamental para a construção de uma Escola integradora dos vários saberes e experiências, capacitada para desenvolver um projecto educativo próprio, no qual projectos transdisciplinares assumem especial relevância.”⁴*

1.4.2 Composição do Grupo

O grupo de Artes Visuais é composto por seis professores, a saber: António Amaral, João Paulo Trigueiros, Luís Nicolau, Maria Alcina Santos, Maria Nunes Afonso e Paulo Morais, com uma faixa etária compreendida entre os 40 e os 57 anos.

Três professores têm formação em design, dois em pintura e um em escultura.

Dos seis elementos que fazem parte do grupo, cinco são professores integrados no quadro de nomeação definitiva e um é professor do quadro de zona pedagógica.

O grupo é responsável pelos sétimo, oitavo e nono anos, em Educação Visual e pelos décimo, décimo primeiro e décimo segundo anos, no Curso Profissional de Multimédia.

A Coordenação do Departamento de Expressões está a cargo do professor Francisco Fernandes de Educação Especial. A Coordenar o grupo disciplinar e Coordenador do Núcleo de Estágio de Artes Visuais, como professor Cooperante da Universidade da Beira Interior, encontra-se o professor João Paulo Trigueiros.

⁴ *Regimento do Grupo Seiscentos Artes Visuais*, Covilhã: Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, 2009, p. 1.

1.4.3 Salas de Educação Visual

As duas salas de Educação Visual têm as condições essenciais à prática lectiva. Ambas têm bastante iluminação / ventilação, comunicação com uma arrecadação, bancadas com lavatório, quadro branco, computador e armários (onde os alunos arrumam as capas e onde existem vários materiais necessários às actividades práticas, devidamente organizados).

Uma das salas está equipada com cadeiras altas e estiradores e a outra com cadeiras e carteiras “normais” em quantidade suficiente.



Fig.3: Interior da sala de aula

CAPÍTULO II – PLANIFICAÇÃO

“O melhor meio de nos prepararmos para o futuro é concentrarmo-nos com toda a inteligência e com todo o entusiasmo, no trabalho que estivermos realizando hoje.”

William Osler

2 Planificação

2.1 Calendário das aulas assistidas

	1.º Período	2.º Período	3.º Período	Total
N.º de Semanas	11	11	10	32
N.º tempos lectivos previstos (90 min.)	22	22	20	64

Tabela 2: Gestão dos tempos lectivos

A tabela 2 e 3 mostra a gestão dos tempos **proposta** para os alunos do 7.º Ano, Turma C. Estão feitas para uma carga horária de 90 minutos por semana, ou seja, **dois tempos lectivos** por semana. **Um tempo lectivo** corresponde a **uma aula**.

	1.º Período	2.º Período	3.º Período	Total
Número de aulas previstas	22	22	20	64
Apresentação	1	-----	-----	1
Teste Diagnóstico	1	-----	-----	1
Capa	1	-----	-----	1
Auto-avaliação	1	1	1	3
Tempos lectivos úteis	18	21	19	58

Tabela 3: Gestão global dos tempos lectivos

As aulas assistidas e leccionadas à disciplina de Educação Visual foram 11 blocos de 90 minutos no 1.º período, 11 blocos de 90 minutos no 2.º período e 10 blocos de 90 minutos no 3.º período .

Em relação ao comportamento da turma, este nunca foi demasiado preocupante, por vezes, para uma melhor prática lectiva, foi necessário chamar a atenção de alguns elementos, mas nada que não se resolvesse no mesmo instante.

A estagiária sempre se empenhou por manter uma relação afectiva com os alunos, baseada no respeito mútuo, na tolerância e na amizade onde tentou incentivar a troca de ideias e pontos de vistas diferentes, a fim de criar o espírito crítico e o gosto pela descoberta.

A estagiária procurou sempre adaptar-se aos interesses e motivações de cada aluno, aproveitando situações espontâneas provenientes das suas vivências, de forma a possibilitar a autoconfiança, a auto-estima e a autodeterminação.

2.2 Planificação Anual

A Planificação Anual⁵ corresponde às Unidades de Trabalho desenvolvidas no decorrer do ano lectivo (vol. II, anexo 1, pág. 5, anexo 2, pág. 8 e anexo 3, pág. 10).

As Unidades de Trabalho que se desenvolveram no decorrer do ano lectivo 2009-2010 foram as seguintes: A Unidade Forma, nesta unidade de trabalho foram abordados os conteúdos da “Percepção visual da forma”⁶, os “Factores que determinam a forma dos objectos”⁷ e a “Representação técnica dos objectos”⁸. Na Unidade Espaço, focou-se a “Representação do espaço”⁹, através de escalas de redução e de ampliação. A Unidade Estrutura, a “Estrutura/forma/função”¹⁰, nesta unidade abordou-se a estrutura natural e a estrutura artificial, a forma e a função dos objectos e desenvolveram-se exercícios

⁵ A “planificação anual consiste na identificação das finalidades da disciplina e na selecção, organização e distribuição, no tempo, dos objectivos, conteúdos, estratégias, técnicas de avaliação e gestão dos tempos lectivos correspondentes ao programa a implementar e a desenvolver durante o ano lectivo, para alcançar os objectivos de aprendizagem.” in António A. B. Pinela, *Organização e Desenvolvimento Curricular*, Edição do Autor, Lisboa: 2010, p. 54.

⁶ in Departamento da Educação Básica, *Ajustamento do Programa de Educação Visual 3.º Ciclo do Ensino Básico; “Plano de Organização do Ensino – Aprendizagem”*, vol. II, Ministério da Educação, Lisboa: p.7.

⁷ in Departamento da Educação Básica, *ibid.*

⁸ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.8.

⁹ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.5.

¹⁰ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.6.

baseados na estrutura Bi e Tridimensional. A Unidade Comunicação, os “*Elementos visuais na Comunicação*”¹¹, os “*Códigos da comunicação visual*”¹² e o “*Papel da imagem na comunicação*”¹³ cujos conteúdos têm carácter transversal (a Unidade de trabalho Comunicação é aplicável à disciplina de Língua Portuguesa). Na Unidade Luz/Cor cujos conteúdos têm carácter transversal (a Unidade de trabalho Luz/Cor é aplicável à disciplina de Físico-química) foi feita uma abordagem dos principais conceitos da Luz/Cor aplicados nas propostas de trabalho desenvolvidas pelos alunos no decorrer do Ano Lectivo.

2.3 Planificação de Unidade de Trabalho

Na planificação de Unidade de Trabalho é importante estipular metas a seleccionar, organizar e distribuir no tempo, os conteúdos a programar, as estratégias de ensino a utilizar, os conteúdos a definir, as técnicas de avaliação a utilizar e a gestão dos tempos a cumprir de forma a alcançar determinados objectivos de aprendizagem. A planificação de Unidade de Trabalho Forma¹⁴ (vol. II, anexo 4, pág. 12) é importante para ajudar tanto o professor como o aluno a alcançar os objectivos propostos. Estas actividades tiveram a duração de 7 blocos de 90 minutos.

Existem várias interrogações que devem ser colocadas na prática lectiva antes de ser elaborado o plano de aula, a seguir enumeram-se algumas:

- Que objectivos gerais e objectivos específicos devem os alunos alcançar, neste nível de ensino?
- Quais as estratégias a utilizar para que o aluno ultrapasse as suas dificuldades?
- Que instrumentos de avaliação organizar?
- Qual o tipo de ambiente em que irão ser desenvolvidas as actividades para que a aprendizagem obtenha sucesso?

¹¹ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.4.

¹² in Departamento da Educação Básica, *ibid.*

¹³ in Departamento da Educação Básica, *ibid.*

¹⁴ “*A planificação de unidade de trabalho enfatiza o desenvolvimento didáctico: as actividades que o docente e alunos realizam para alcançar os objectivos, as metodologias de ensino, os recursos educativos e as técnicas de avaliação que se aplicam em cada situação concreta. A planificação de unidade programática é mais específica e explícita do que a planificação anual, aquela fundamenta-se nesta, e é a partir dela que o docente prepara a sua prática diária.*” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 56.

2.4 Planificação de Aula/Núcleo de Aulas

A planificação de aula implica a determinação de objectivos específicos e a enunciação detalhada dos elementos que integram uma dada situação de aprendizagem. Os planos de aulas detalhados da Unidade de Trabalho Forma podem ser consultados nos anexos (vol. II, anexo 5, pág. 27, anexo 6, pág. 30, anexo 7, pág. 34, anexo 8, pág. 37, anexo 9, pág. 40, anexo 10, pág. 44 e anexo 11, pág. 47).

CAPÍTULO III – CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

“Do professor, os jovens não exigem omnisciência. Sabem que ela é inatingível. O que reclamam é dedicação.”

A. Highet

3 Caracterização da Turma

3.1 O 7.º C

A turma C do 7.º ano é composta por vinte e sete elementos, dos quais treze são do sexo feminino e catorze são do sexo masculino (gráfico 3.1). Relativamente às idades dos alunos (gráfico 3.2), elas estão compreendidas entre os onze e os catorze anos. No que concerne a retenções (gráfico 3.3), apenas três alunos registaram uma ou mais retenções. É de referir que existem três alunos na turma com “Necessidades Educativas Especiais”¹⁵. A deslocação casa/escola é feita maioritariamente em automóvel (gráfico 3.4), meio que é utilizado por vinte alunos da turma. O trajecto para a escola é feito a pé por seis alunos e de autocarro apenas por um. O tempo mínimo de deslocação é de dois minutos e o máximo é de 30 minutos.

Relativamente ao agregado familiar (gráfico 3.6, 3.7 e 3.8) e por mera curiosidade, apenas quatro alunos são filhos de pais separados. Grande parte das famílias dos educandos desta turma é constituída por quatro elementos, vivem todos com a mãe e/ou pai, excepto um aluno. Relativamente às habilitações literárias dos pais (gráfico 3.9 e 3.10), pode dizer-se que estes têm um nível de escolaridade médio/alto, uma vez que grande parte tem o 12.º e há doze licenciados.

Quanto ao relacionamento interpessoal a turma demonstra uma boa interacção interpares, assim como com o corpo docente. Relativamente à escola que é nova para todos eles, apresentam uma boa integração, à excepção de um aluno.

Os alunos do 7.º C mostraram-se sempre muito simpáticos e cordiais.

A pesquisa e a análise da caracterização da turma foi feita mediante informações recolhidas do “Projecto Curricular de Turma”¹⁶ (vol. II, anexo 12, pág. 50).

¹⁵ “O termo *Necessidades Educativas Especiais* inclui alunos com capacidades de diferentes níveis, que demonstrem dificuldades na aprendizagem e cognição, comunicação e inter-acção, nos aspectos físicos e sensoriais, e/ou comportamentais, emocionais e de desenvolvimento social.” in Ministério da Educação, *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa: Gabinete da Ministra, 2005.

¹⁶ “*Conjunto de estratégias de concretização e desenvolvimento do currículo nacional e do Projecto Curricular de Escola, adequadas ao contexto de cada turma.*” in *Guião Projecto Curricular de Turma*, Lisboa: Santillana Constância, s.d., p. 1.

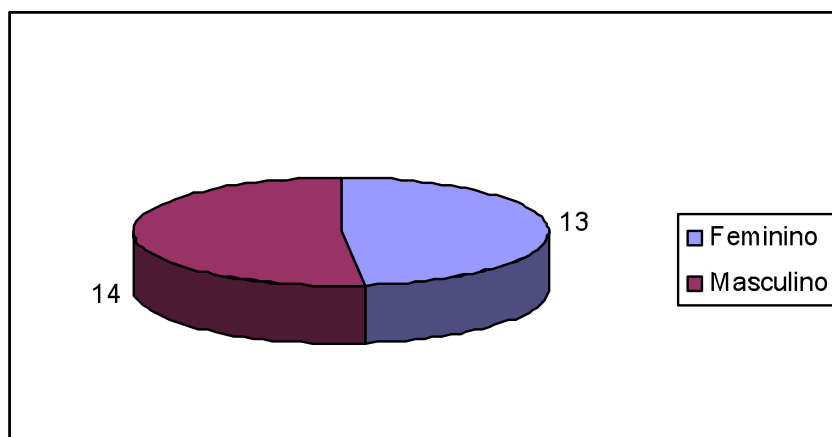


Gráfico 3.1: Sexo

Treze alunos são do sexo feminino e catorze são do sexo masculino.

Distribuição etária (até 31 de Dezembro de 2009)

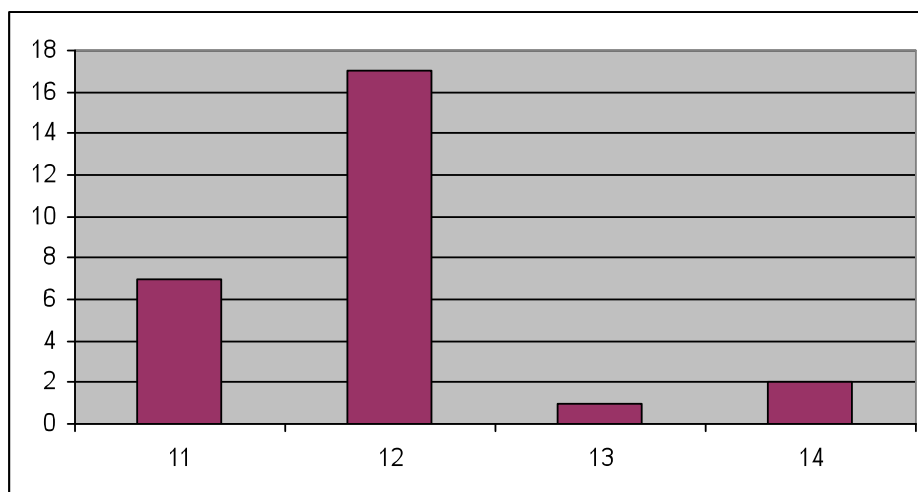


Gráfico 3.2: Idade

A maioria dos alunos (17) tem 12 anos. Dos restantes, sete têm onze anos, um tem treze anos e dois têm catorze anos.

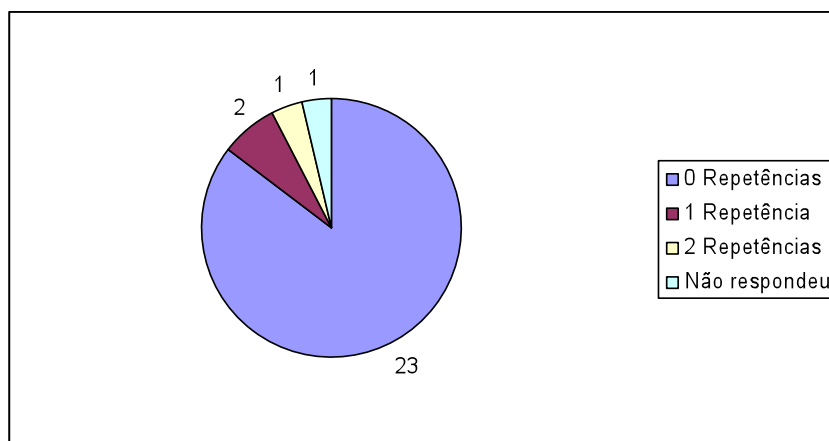


Gráfico 3.3: Retenções

A maioria dos alunos (23) nunca repetiu nenhum ano, 2 repetiram uma vez e um repetiu duas vezes (há que salvaguardar que este aluno tem necessidades educativas especiais). Um dos alunos não respondeu.

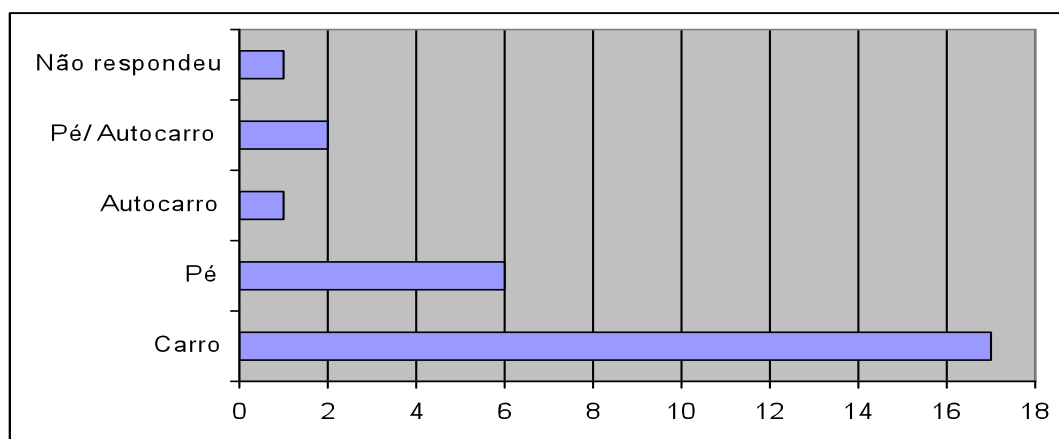


Gráfico 3.4: Meio de transporte utilizado na deslocação à escola

A maior parte dos alunos vai de carro para a escola, seis vão a pé, um de autocarro, dois vão de carro ou autocarro e um não respondeu.

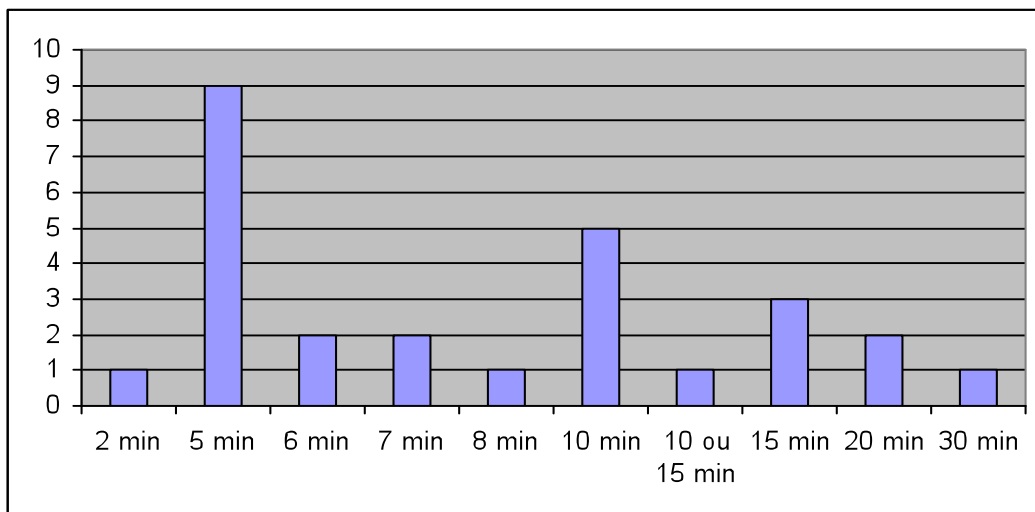


Gráfico 3.5: Tempo de deslocação à escola

Há vinte alunos que demoram até 10 minutos para chegarem à escola, quatro que demoram entre 10/20 minutos e apenas um aluno que demora meia hora.

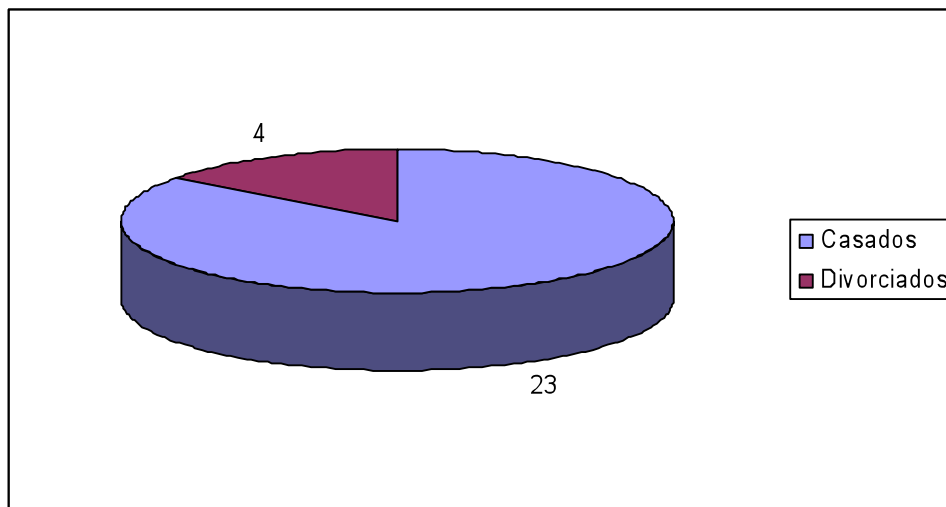


Gráfico 3.6: Situação conjugal dos pais

Dos vinte e sete casais em estudo, quatro estão divorciados e vinte e três estão casados.

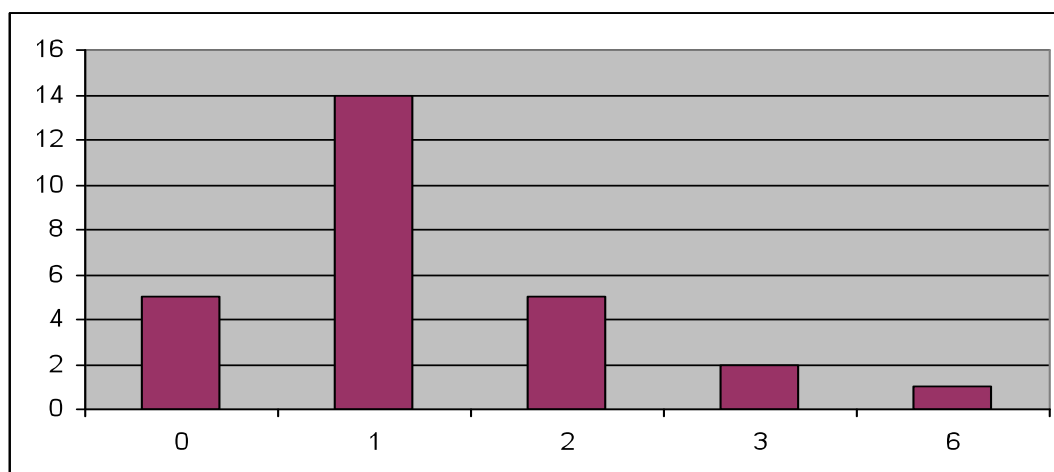


Gráfico 3.7: Número de irmãos

Dos vinte e sete alunos catorze têm pelo menos um irmão, cinco não têm irmãos outros cinco têm dois irmãos, dois têm três irmãos e um tem seis irmãos.

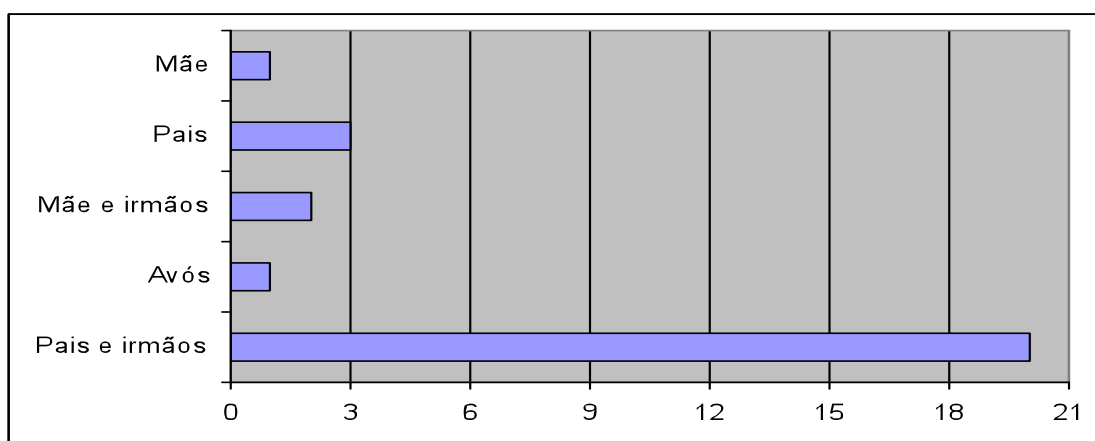


Gráfico 3.8: Pessoas com quem vive

Três alunos vivem só com os pais, vinte vivem com os pais e irmão(s), um vive com a mãe, dois vivem com a mãe e irmãos e um vive com os avós.

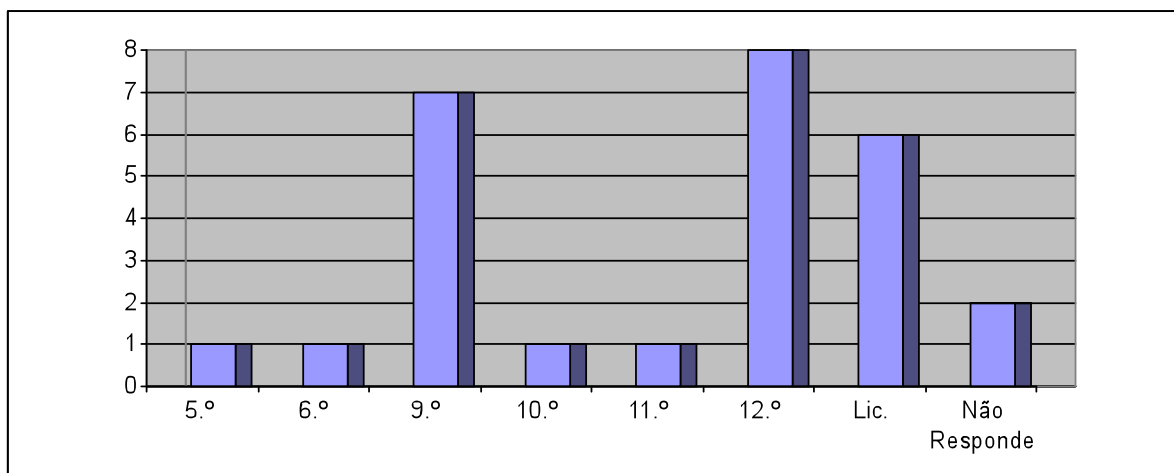


Gráfico 3.9: Habilitações literárias da mãe

Das vinte e sete mães pelo menos seis têm formação superior e pelo menos oito têm o 12.º Ano de escolaridade, facto que pode ser importante para o sucesso escolar dos alunos.

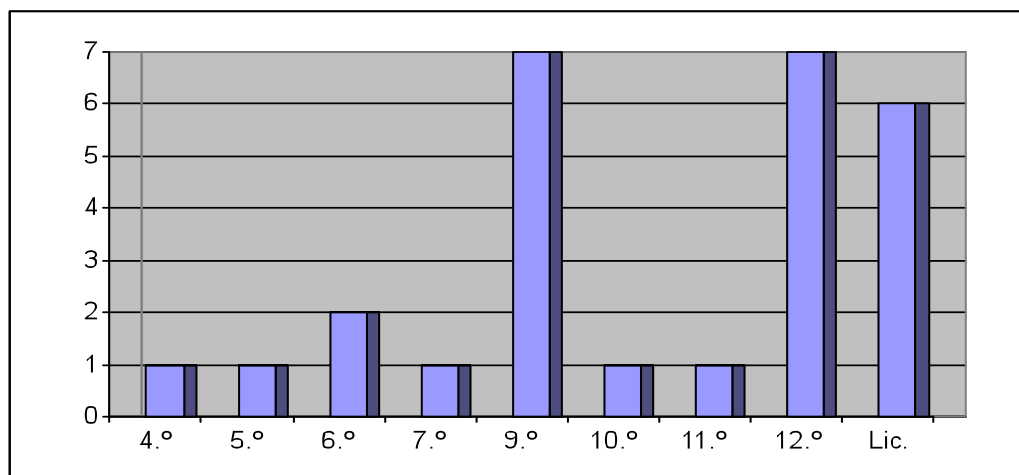


Gráfico 3.10: Habilitações literárias do pai

Dos vinte e sete pais pelo menos seis têm formação superior e pelo menos sete têm o 12.º Ano de escolaridade, facto que pode ser importante para o sucesso escolar dos alunos.

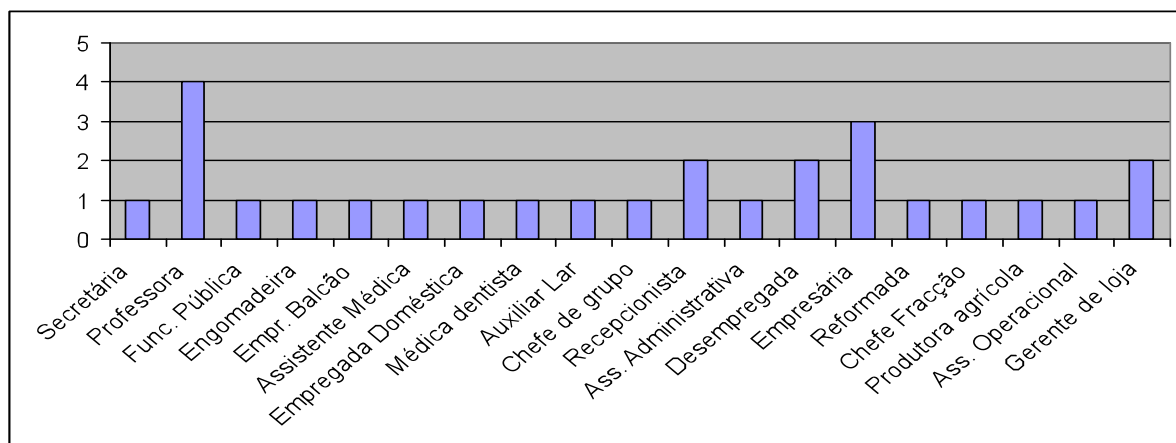


Gráfico 3.11: Profissão da mãe

Das vinte e sete mães pelo menos quatro são professoras e três são empresárias.

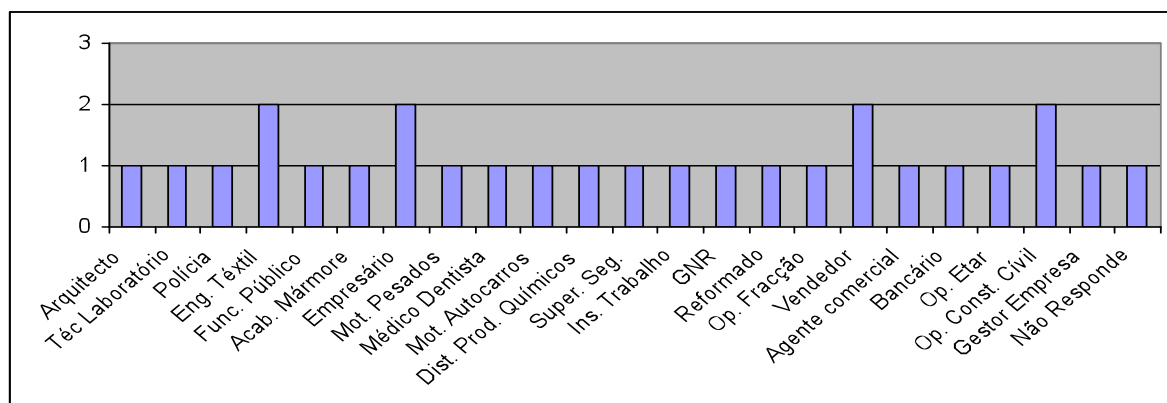


Gráfico 3.12: Profissão do pai

Dos vinte e sete alunos, uma aluna não respondeu à situação profissional do pai, o que pode indicar receio ou vergonha na divulgação da profissão, ou até alguma revolta para com o progenitor pelo facto de viver com a mãe e de os pais serem divorciados.

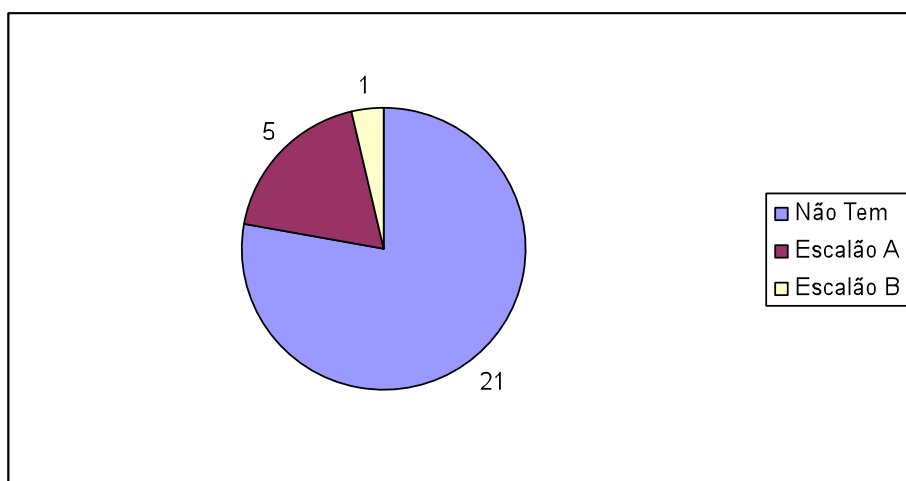


Gráfico 3.13: Sase

Dos vinte e sete alunos, vinte e um não tem SASE, cinco têm escalão A e um tem escalão B. Podemos constatar que a maior parte dos alunos tem uma situação económica estável, não necessitando de recorrer ao SASE.

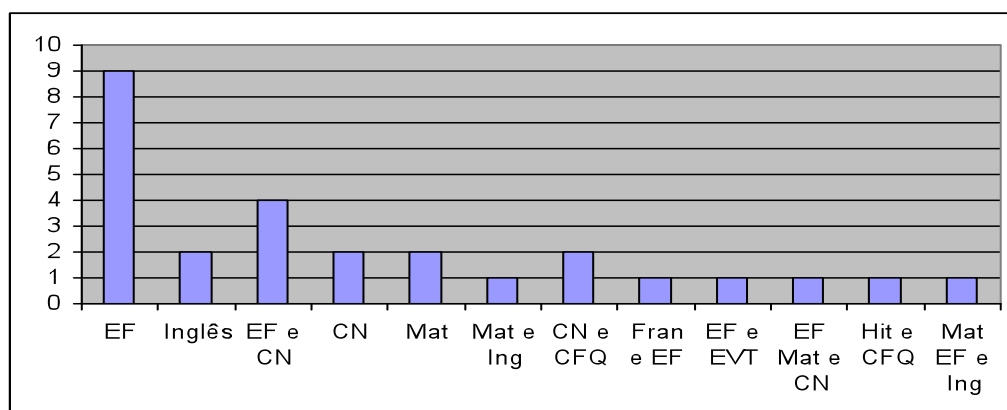


Gráfico 3.14: Disciplinas preferidas

A maior parte dos alunos prefere a disciplina de Educação Física.

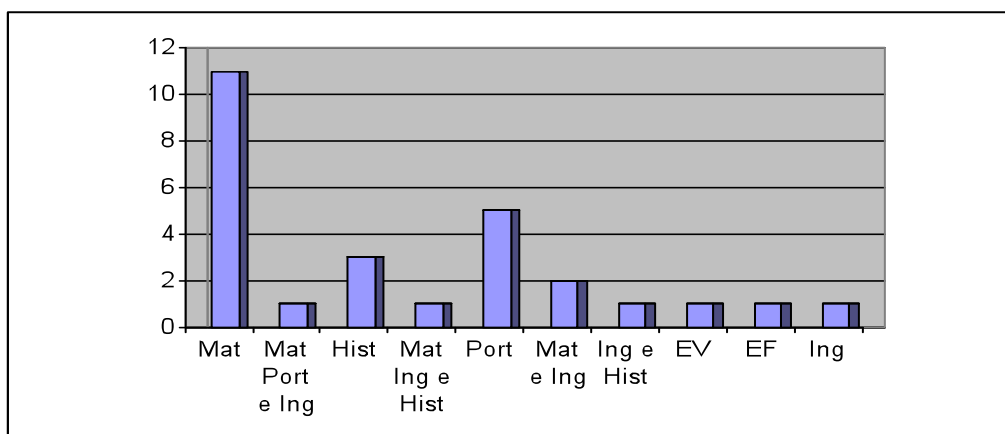


Gráfico 3.15: Disciplinas com dificuldade

A maioria dos alunos tem dificuldades a Matemática e a Língua Portuguesa, o que está em consonância com as dificuldades tipo da maior parte dos alunos no país.

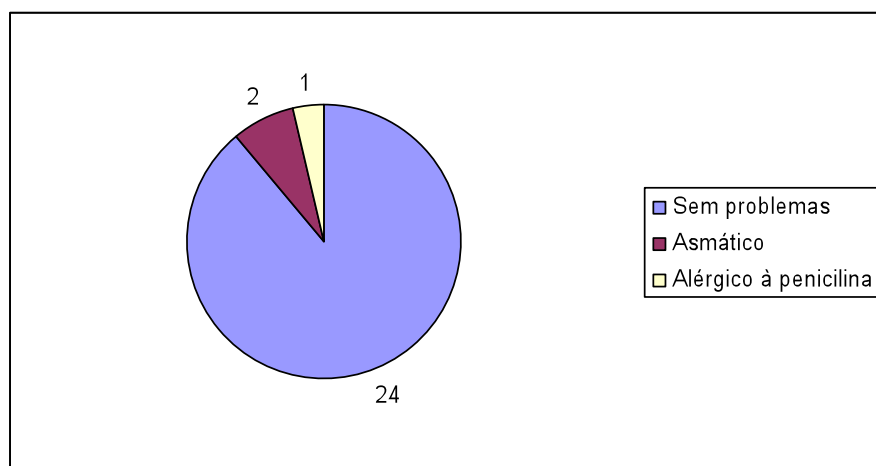


Gráfico 3.16: Problemas de saúde

A turma é saudável, apresentando dois alunos asmáticos e um aluno alérgico à penicilina.

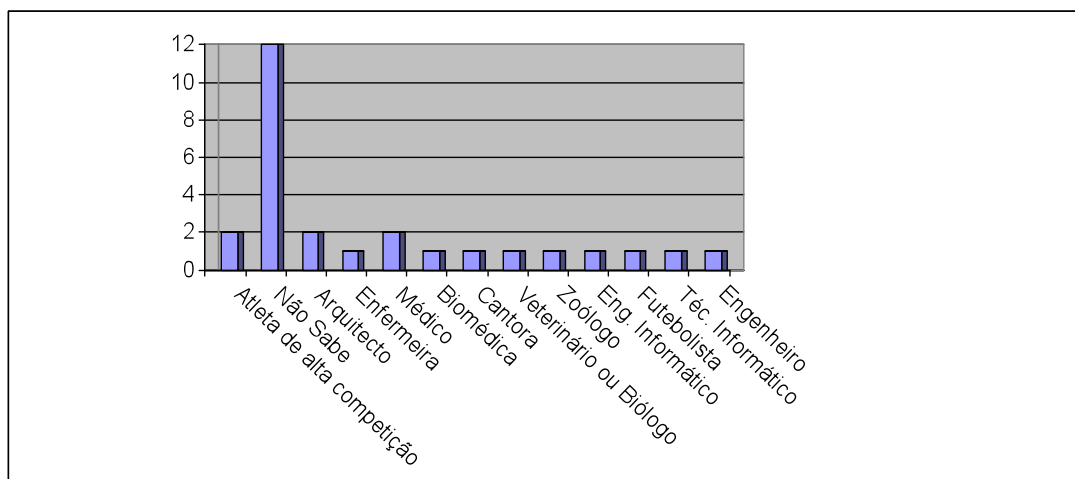


Gráfico 3.17: Profissão que pretende exercer

Dos vinte e sete alunos, dois querem ser atletas de alta competição, um veterinário ou biólogo, dois arquitectos, uma enfermeira, dois médicos, uma cantora, uma biomédica, um zoólogo, dois engenheiros, um futebolista, um técnico informático e a maior parte (12) ainda não decidiram. Neste gráfico podemos observar que os alunos em estudo têm uma auto-estima elevada vista que uma grande percentagem aspira a profissões de ensino superior.

CAPÍTULO IV – UNIDADES TEMÁTICAS

4 Unidades Temáticas

4.1 Primeiro Período

4.1.1 Caracterização de acordo com a Planificação Anual

O 1.º Período da Turma C do 7.º Ano na Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras iniciou-se em Setembro de 2009 com o Teste Diagnóstico (vol. II, anexo 13, pág. 53). O Teste Diagnóstico é um elemento de avaliação importante que permite conhecer a turma em geral e cada aluno em particular. Os resultados deste Teste Diagnóstico permitem-nos aplicar melhor as estratégias e técnicas de ensino mais condizentes com os alunos e a turma de forma a que consigam atingir os objectivos educacionais fundamentais.

A seguir, os alunos realizaram a Capa (1 bloco de 90 minutos) e as principais estratégias abordadas foram as de sensibilizar os alunos para a necessidade de identificação da capa individual. Os alunos nesta actividade tiveram que desenhar letras diversas e enquadrar o nome tendo em conta o espaço de utilização e conferindo aspectos decorativos nos enquadramentos escolhidos por eles. Os recursos utilizados foram o lápis de grafite, borracha, régua, papel de desenho, cartolina, tesoura, cola, lápis de cor e papel quadriculado.

Passando para a Unidade Espaço foi apresentado um PowerPoint sobre escalas (vol. II, anexo 14, pág. 55) de ampliação e de redução (2 blocos de 90 minutos). Na representação do espaço falou-se da sobreposição, da dimensão, da cor, do claro-escuro e da gradação de nitidez.

E, por último, na Unidade Auto e Hetero-avaliação dos alunos (1 bloco de 90 minutos).

4.1.2 Objectivos da Unidade

Os objectivos da Unidade desenvolvida no primeiro período serão abordados no capítulo cinco exclusivamente dedicado à Unidade de Trabalho Forma.

4.1.3 Actividades desenvolvidas

Estas actividades serão mencionadas tal como os objectivos no capítulo cinco exclusivamente dedicado à Unidade de Trabalho Forma.

4.1.4 Atribuição de níveis

Níveis atribuídos no 1.º Período

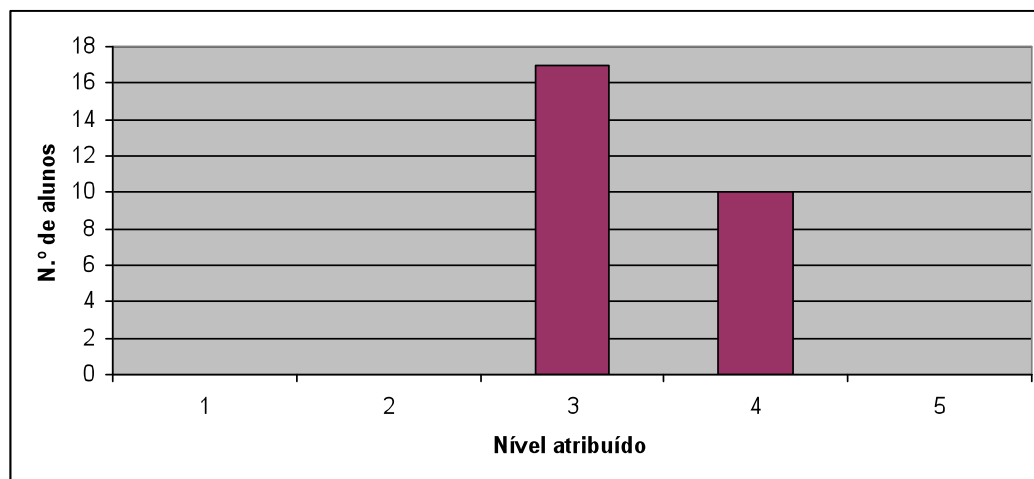


Gráfico 4.1.: Níveis atribuídos no 1.º período

Dos vinte e sete alunos dezassete obtiveram a classificação de nível 3 e dez alunos obtiveram a classificação de nível 4. Não foram atribuídos níveis inferiores a 3 e também não foi atribuído o nível 5.

Percentagem de níveis atribuídos no 1.º Período

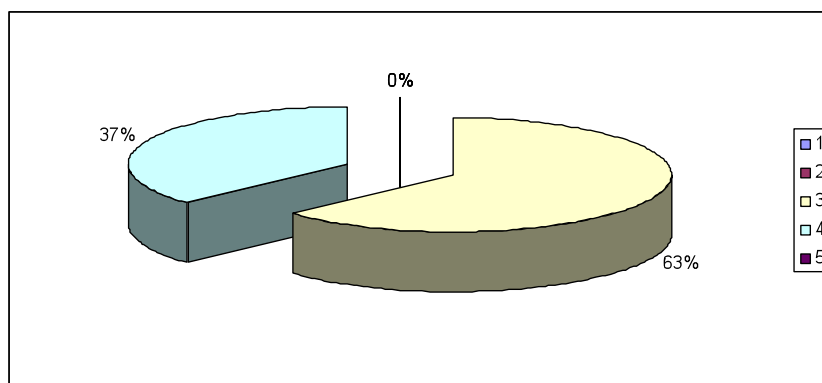


Gráfico 4.2.: Percentagem dos níveis atribuídos no 1.º período

Dos vinte e sete alunos, 37% obtiveram nível 4 e 63% obtiveram nível 3.

4.2 Segundo período

4.2.1 Caracterização de acordo com a Planificação Anual

No início do 2.º período deu-se a continuação da Unidade de Trabalho Espaço. Seguiu-se a Unidade Estrutura Bidimensional (5 blocos de 90 minutos) com a apresentação de um Powerpoint. Na introdução da matéria falou-se sobre a importância do tipo de estruturas naturais¹⁷ e estruturas artificiais¹⁸ mencionando os respectivos conceitos. Quando falamos de Estrutura¹⁹ falamos na estrutura bidimensional que são realizadas através das duas dimensões de plano de representação (largura e altura). A seguir deu-se a matéria sobre a Estrutura Tridimensional (4 blocos de 90 minutos) que se caracteriza por três dimensões espaciais (largura comprimento e altura). Nesta unidade os alunos aprenderam a fazer levantamentos tridimensionais de estruturas bidimensionais através do vinco, do corte, da colagem e da dobragem.

Na última Unidade de Trabalho fez-se a Auto e Hetero-avaliação dos alunos (1 bloco de 90 minutos).

4.2.2 Objectivos da Unidade

Os principais objectivos na Unidade Espaço centraram-se na transmissão de conceitos importantes sobre a posição do objecto em diferentes planos. Neste sentido torna-se importante relacionar com os alunos a importância do equilíbrio da composição visual e referir alguns conceitos importantes a aplicar no trabalho, tais como: a dimensão, a sobreposição, a cor e a gradação de nitidez.

Em relação à Unidade Estrutura os objectivos foram os de compreender e distinguir as estruturas naturais das estruturas criadas pelo Homem. Compreender a estrutura não apenas como suporte de uma forma mas, também, como princípio organizador dos elementos que a constituem e compreender estruturas bidimensionais e tridimensionais.

¹⁷ As estruturas naturais “sustentam ou dão origem a formas naturais dos seres vivos. A sua principal característica é nunca se repetirem da mesma maneira.” in Cármen Dias e Sandra Sousa, Educação Visual Artes & Manhas, Lisboa: Santillana Constância, 2006, p. 65.

¹⁸ “Por sua vez as estruturas artificiais são produzidas pelo Homem sustentam e dão origem a formas artificiais, com intuítos estéticos e/ou funcionais e têm que ser bem estudadas, calculadas e testadas para que resultem eficazmente.” in Cármen Dias e Sandra Sousa, ibid.

¹⁹ Define-se por estrutura “o esqueleto interno da forma, ou seja, uma organização espacial ordenada que vai receber uma forma e a condiciona.” in Cármen Dias e Sandra Sousa, ibid.

Na Unidade Auto e Hetero-avaliação, o principal objectivo foi o de exercício da capacidade (individual) de auto-avaliação.

4.2.3 Actividades desenvolvidas

- Observação, Análise e Interpretação de situações reais criadas ou imaginadas;
- Diálogo em grupo para a partilha de saberes e construção de novas realidades;
- Realização de Propostas de Trabalho;
- Observação de exemplos sobre estrutura bidimensional e tridimensional;
- Visualização de PowerPoint sobre o “Método Fractal”²⁰ na Unidade Estrutura;
- Visitas a museus.

4.2.4 Visita de Estudo

É nas visitas de estudo que podemos observar o papel formativo que estas incutem e o desenvolvimento de uma cidadania²¹ responsável, participativa e empenhada.

Em relação à visita de estudo no dia 4 de Março a Lisboa MUDE e a Cascais (Casa das Histórias Paula Rego, (vol. II, anexo 29, pág. 99) é de referir que foi uma experiência de aprendizagem valiosa. Este tipo de actividades é importante porque incute nos alunos a aquisição de conhecimentos e proporciona experiências novas que os levam à reflexão e análise dos conhecimentos adquiridos. Visto ser uma das estratégias de ensino/aprendizagem mais estimulante para o aluno é através delas que existem as oportunidades para que o professor conheça melhor os alunos e para que os alunos se conheçam melhor.

²⁰ O método criativo “*Fractal permite visualizar e conceber projectos de jogos com conceitos próprios que integram conhecimentos multidisciplinares das áreas de branding, marketing ou até comunicação às diversas esferas da produção, como game design ou arte.*” in Diego Uribe, *Fractal Cuts*, Norfolk: Tarquin Publications, 1995, p.1.

²¹ A cidadania é educar para a tolerância ou seja “*aprender a ser cidadão implica também, que se faça uma apropriação de valores, de códigos e de competências inerentes à conduta democrática em que se fundamenta, no essencial, o exercício da cidadania. Sendo, simultaneamente, uma tarefa cognitiva, social e afectiva, em cuja concretização a pessoa exerce um papel activo, a aprendizagem da cidadania consiste numa tarefa para a qual concorrem domínios diversos do desenvolvimento psicológico, como sejam o desenvolvimento cognitivo, estético, moral e pró-social.*” citado por António Manuel Fonseca, *Educar para a cidadania*, Porto: Porto Editora, 1994, p.783.

VISITA DE ESTUDO | MUDE | CASA DAS HISTÓRIAS | PAULA REGO



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.4: MUDE, Lisboa e Casa das Histórias Paula Rego, Cascais

4.2.5 Atribuição de níveis

Níveis atribuídos no 2.º Período

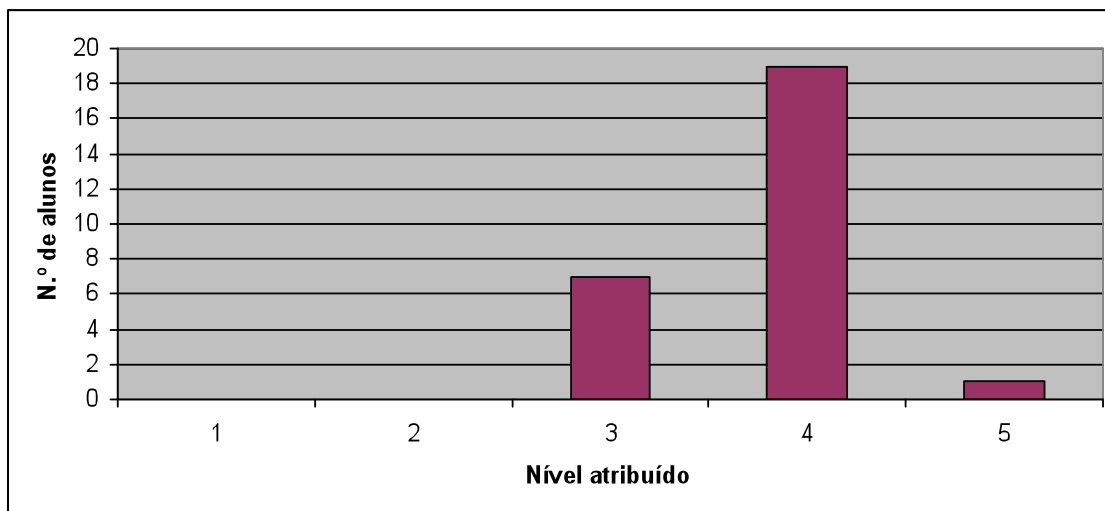


Gráfico 4.3.: Níveis atribuídos no 2.º período

Dos vinte e sete alunos sete obtiveram a classificação de nível 3, dezanove alunos obtiveram a classificação de nível 4 e um aluno obteve classificação de nível 5. Não foram atribuídos níveis inferiores a 3.

Percentagem de níveis atribuídos no 2.º Período

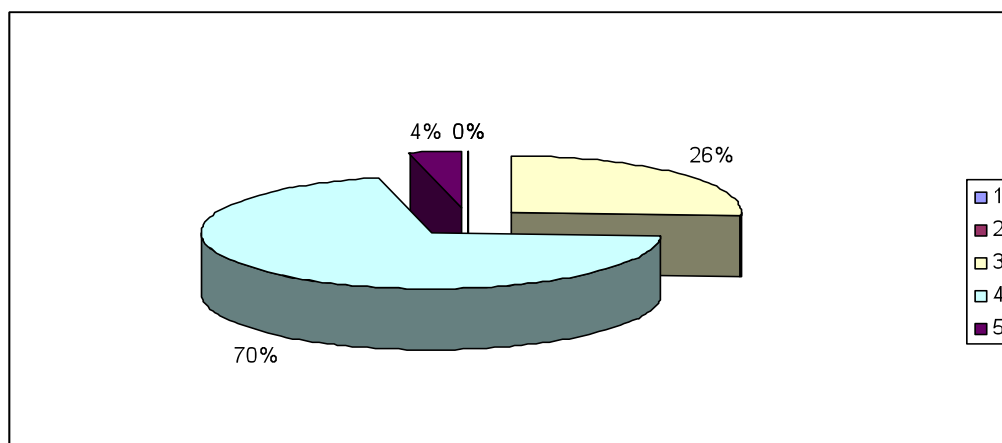


Gráfico 4.4.: Percentagem de níveis atribuídos no 2.º período

Dos vinte e sete alunos, 4% obtiveram nível 5, 70% obtiveram nível 4 e 26% obtiveram nível 3.

Evolução dos resultados do 1.º para o 2.º Período

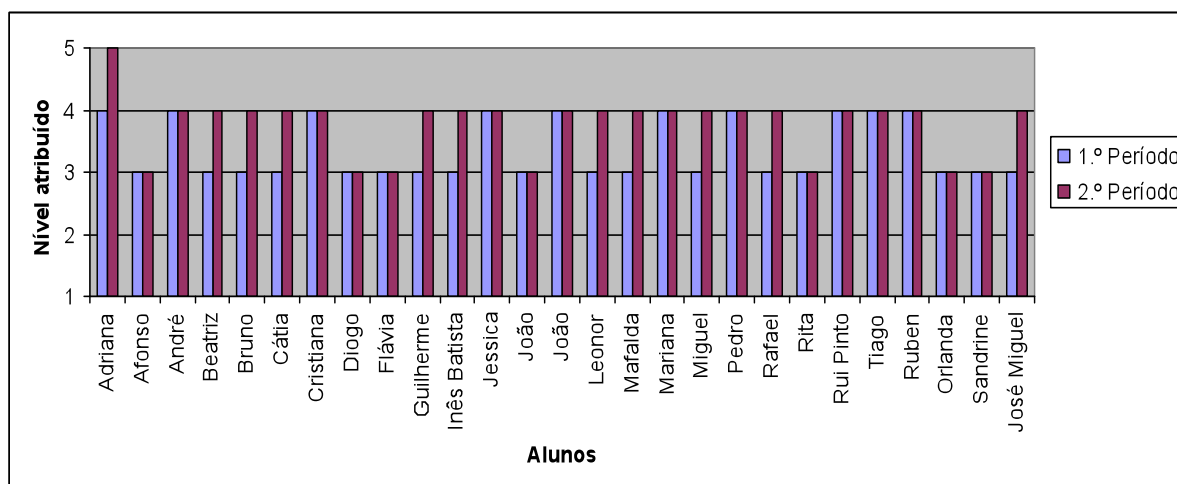


Gráfico 4.5.: Evolução dos resultados do 1.º para o 2.º período

Dos vinte e sete alunos, sete mantiveram o nível 3 e nove mantiveram o nível 4 atribuídos no 1.º Período. Um aluno melhorou do nível 4 para o nível 5 e dez alunos subiram do nível 3 para o nível 4. Não se registaram descidas de notas.

4.3 Terceiro Período

4.3.1 Caracterização de acordo com a Planificação Anual

No início do 3.º período deu-se a continuação da Unidade Estrutura Tridimensional (1 bloco de 90 minutos). Nesta unidade de trabalho foram realizados levantamentos tridimensionais utilizando o vinco, o corte a colagem e a dobragem. Seguiu-se a Geometria Plana (5 blocos de 90 minutos), onde se desenvolveu a divisão de um segmento de recta, a posição relativa de duas circunferências, as concordâncias, as espirais, o óvulo e os arcos. A seguir os alunos aplicaram os conhecimentos através de uma Proposta de Trabalho sobre traçados geométricos (vol. II, anexo 30, pág. 100). No âmbito da Visita de Estudo (1 bloco de 90 minutos), desenvolveu-se a compreensão das artes no seu contexto utilizando os “agentes da cor”. Passando para a Unidade Comunicação houve a necessidade de recorrer aos “Elementos visuais da comunicação”, aos “Códigos da comunicação visual” e ao “Papel da imagem na comunicação” cujos conteúdos têm carácter transversal (a Unidade de trabalho Comunicação é aplicável à

disciplina de Língua Portuguesa) em que se podem assumir várias configurações, conforme a mensagem, o código utilizado, o meio e o objectivo que se pretende atingir. Por último a Unidade Auto e Hetero-avaliação (1 bloco de 90 minutos).

4.3.2 Objectivos da Unidade

Os principais objectivos na Unidade Estrutura Tridimensional são os de compreender e distinguir as estruturas quanto à sua forma e função, compreender a inter-relação existente entre necessidade, função e forma e por último compreender as estruturas bidimensionais.

Podemos ainda referir que os objectivos nesta unidade de trabalho referem a noção elementar de estrutura tridimensional, assim como a decomposição da forma bidimensional e a composição tridimensional a partir de um módulo bidimensional.

Na Unidade Geometria Plana foi desenvolvida a forma como se utiliza o material de desenho geométrico (compasso, régua, esquadro e transferidor) com preocupação e rigor na execução de desenhos técnicos. Na realização de traçados geométricos os alunos criarem formas geométricas simples recorrendo a formas naturais e artificiais dentro da sala de aula.

4.3.3 Actividades desenvolvidas

- Observação, Análise e Interpretação de situações reais criadas ou imaginadas;
- Leitura e discussão de textos;
- Diálogo em grupo para a partilha de saberes e construção de novas realidades;
- Elaboração de projectos (planificação e execução);
- Realização de trabalhos temáticos;
- Realização de Fichas de Apoio;
- Realização de Propostas de Trabalho;
- Visualização de PowerPoints, fotografias, revistas, diapositivos e transparências;
- Visitas a museus.

4.3.4 Atribuição de níveis

Níveis atribuídos no 3.º Período

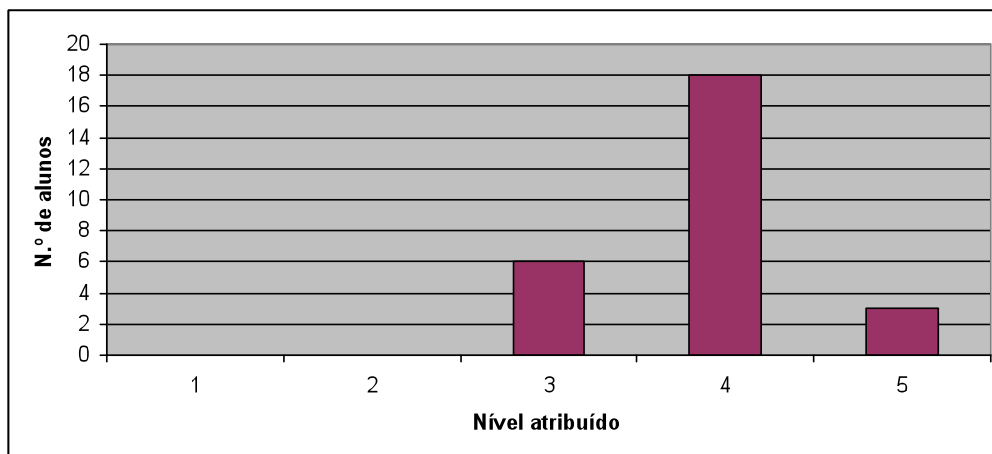


Gráfico 4.6.: Níveis atribuídos no 3.º Período

Dos vinte e sete alunos seis obtiveram a classificação de nível 3, dezoito alunos obtiveram a classificação de nível 4 e três alunos obtiveram classificação de nível 5. Não foram atribuídos níveis inferiores a 3.

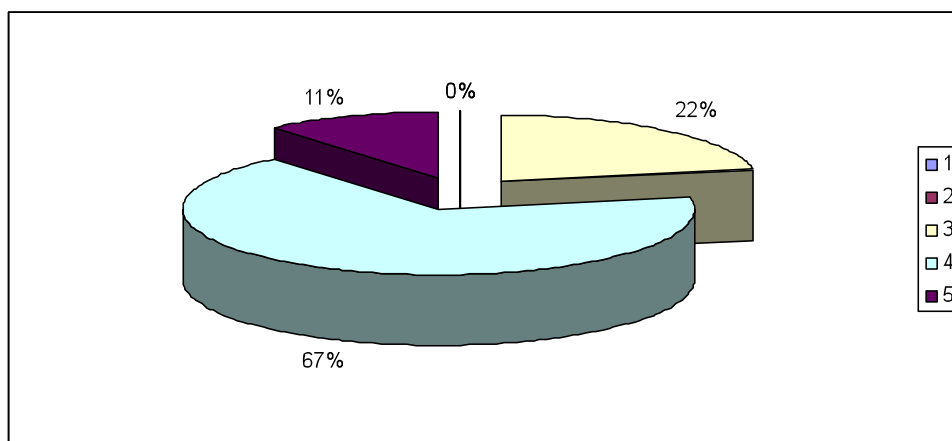


Gráfico 4.7.: Percentagem de níveis atribuídos no 3.º Período

Dos vinte e sete alunos, 11% obtiveram nível 5, 67% obtiveram nível 4 e 22% obtiveram nível 3.

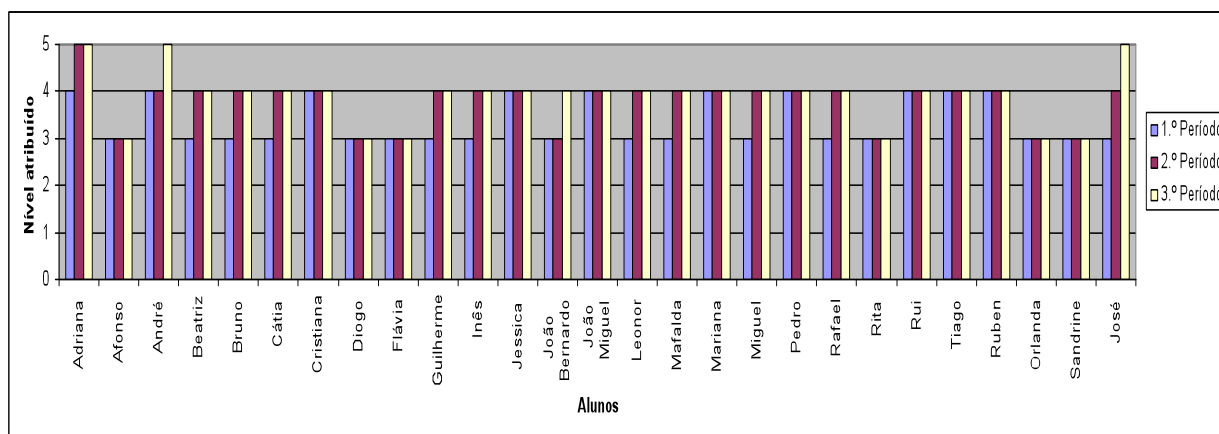


Gráfico 4.8.: Evolução dos resultados ao longo do ano

Dos vinte e sete alunos, seis mantiveram o nível 3 e oito mantiveram o nível 4 ao longo do ano lectivo. Do segundo para o terceiro período um aluno manteve o nível 5, dois alunos melhoraram do nível 4 para o nível 5, um dos alunos subiu do nível 3 para o nível 4 e nove alunos mantiveram o nível 4 atribuído no segundo período. Não se registaram descidas de notas.

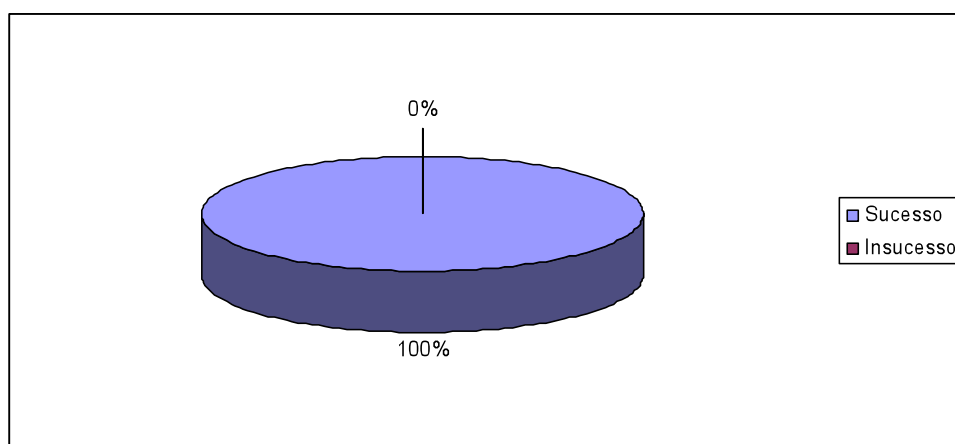


Gráfico 4.9.: Sucesso/Insucesso da Turma

Não se registaram negativas, pelo que houve um sucesso de 100%.

4.3.5 Actividades Extra-Curriculares

4.3.5.1 O antes (Preparação da visita de estudo)

A preparação de uma Visita de Estudo no dia 18 de Maio ao Museu de Lanifícios da Covilhã exigiu a realização de algumas actividades pedagógicas e burocráticas. Neste caso a visita de estudo foi planeada no início do ano lectivo, de forma a ser incluída no Plano Anual de Actividades da escola e a ser aprovada pelo Concelho Pedagógico.

Como as visitas de estudo aos museus são importantes e podem constituir vias para a aquisição de conhecimentos, houve a necessidade de organizar esta visita de estudo cujo objectivo educativo são as actividades variadas e específicas articuladas com os programas curriculares de cada nível de ensino.

A planificação da visita de estudo (vol. II, anexo 31, pág. 102) foi elaborada e os contactos necessários estabelecidos. Também foi elaborado um relatório da visita de estudo (vol. II, anexo 34, pág. 106) a descrever as observações da visita.

4.3.5.2 O depois (Resultados da visita de estudo)

As visitas de estudo são importantes ao nível da interdisciplinaridade²² com outras disciplinas (nomeadamente História e Geografia). Devemos ainda mencionar que esta visita é adequada ao programa de Educação Visual na Unidade de Trabalho Comunicação. Durante a visita os alunos puderam observar diferentes materiais/utensílios utilizados na Real Fábrica de Panos no Museu de Lanifícios na UBI - Covilhã. Podemos considerar que os objectivos estabelecidos nesta actividade foram alcançados levando os alunos a assimilar conhecimentos acerca da história da região em geral e dos lanifícios em particular. A reacção dos alunos à visita de estudo foi de um modo geral boa.

²² “O prefixo “inter” não indica apenas uma pluralidade, uma justaposição; evoca também um espaço comum, um factor de coesão entre saberes diferentes. Os especialistas das diversas disciplinas devem estar animados de uma vontade comum e de uma boa vontade. Cada qual aceita esforçar-se fora do seu domínio próprio e da sua própria linguagem técnica para aventurar-se num domínio de que não é o proprietário exclusivo. A interdisciplinaridade supõe abertura de pensamento, curiosidade que se busca além de si mesmo” (Gusdorf) citado por Olga Pombo no texto “Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade”, in Olga Pombo, *Seleccção e Organização*, s.l., s.d., p.2.

VISITA DE ESTUDO | UBI | MUSEU DE LANIFÍCIOS | REAL FÁBRICA



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.5: Centro Educativo – Museu de Lanifícios, Covilhã

VISITA DE ESTUDO | UBI | MUSEU DE LANIFÍCIOS | REAL FÁBRICA

Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.6: Visita de estudo ao Museu de Lanifícios**4.3.6 Actividades do Núcleo de Estágio**

As actividades sugeridas para inclusão no Plano Anual de Actividades da Escola (vol. II ,anexo 32, pág. 103) careciam de recursos muito distintos. Das várias actividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio (vol. II, anexo 33, pág. 104), podemos destacar a participação nas actividades desenvolvidas no blog: <http://sabiasque-palmeiras.blogspot.com>, tais como:

- Participação activa no painel de parede afixado na Biblioteca da Escola a divulgar as várias actividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estágio:

DIA INTERNACIONAL DA LUZ E DA COR | 21 DE MARÇO | N. E. A. V.



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.7: Painel de Parede

- Realização de cartazes de divulgação das exposições realizadas na Biblioteca da escola:

CARTAZES DE ACTIVIDADES



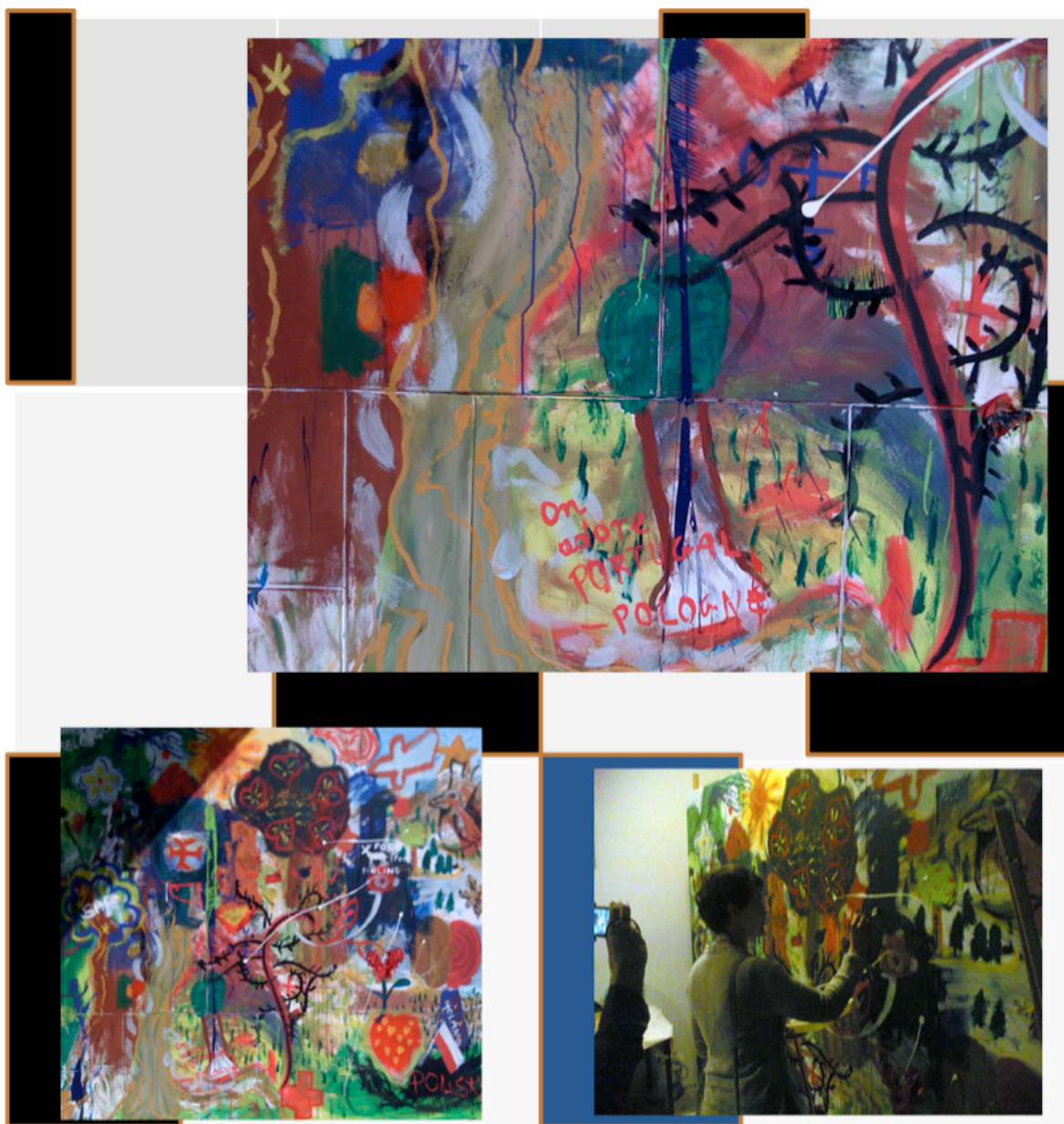
Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.8: Cartazes

- Pintura de um painel alusivo ao “meio ambiente”, incluído num percurso de PeddyPaper organizado pelos Núcleos de Estágio:

DIA “D” DA ESCOLA| PAINEL



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.9: Painel do dia “D” da Escola

CAPÍTULO V – UNIDADE DE TRABALHO | FORMA

“A educação ao longo de toda vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.”

Jacques Delors

5 Unidade de Trabalho | Forma

Na Unidade Forma (dividida por 7 blocos de 90 minutos), os conteúdos abordados da “*Percepção visual da forma*” foram as “*Qualidades formais*”, as “*Qualidades geométricas*” e as “*Qualidades expressivas*”. Pretende-se nesta unidade que os alunos compreendam que a percepção visual das formas envolve a interação da luz/cor, das linhas, da textura, do volume e da superfície. A seguir foi distribuído um fruto/legume por cada aluno que lhes permitiu um primeiro contacto para conhecerem as propriedades físicas do objecto. O objectivo inicial serviu não só para aplicar os elementos visuais da forma como também para despertar nos alunos o interesse pelos sentidos tais como: a visão, o olfacto e o tacto.

Para elaborar esta Unidade de Trabalho foi necessário recorrer à linguagem plástica²³, o ponto, a linha, a textura, os valores de claro-escuro e ao volume. Para desenvolver esta unidade de trabalho deve dar-se importância à “*Percepção visual da forma*” cujo principal objectivo é o de avaliar as qualidades formais (ponto, linha, luz/cor, textura, volume e superfície) e expressivas dos objectos (frutos/legumes). Desenvolver a sensibilidade estética é ser sensível ao valor estético de diferentes formas de expressão visual, por isso, é importante desenvolver a criatividade dos alunos através da utilização de diferentes técnicas expressivas. Por último, desenvolver o sentido crítico do aluno de modo a ter consciência dos critérios de apreciação que aplica (na resolução de problemas e nas diferentes manifestações artísticas), a capacidade de comunicação, o sentido social e a capacidade de intervenção.

²³ Para nos inteirarmos melhor do significado de linguagem plástica podemos recorrer à seguinte definição: “*Os elementos simbólicos que estruturam a linguagem visual e plástica definem-se pela sua relação directa com o órgão de visão e da forma como o utilizamos na percepção da realidade envolvente e, a posterior interpretação das informações e sensações obtidas, leva-nos à representação dessa mesma realidade.*” in Luísa Gonçalves, *Tecnologias dos Ofícios Artísticos*, Lisboa: Universidade Aberta, 1998, p.82.

5.1 Descrição da Unidade de Trabalho | Forma

A unidade de trabalho desenvolvida foi a Forma²⁴, com articulação da Unidade Cor²⁵. Esta unidade divide-se em três conteúdos fundamentais para a “Percepção visual da forma” que aborda as “Qualidades formais”²⁶, as “Qualidades geométricas”²⁷ e as “Qualidades expressivas”²⁸ onde foram explorados os elementos visuais da linguagem plástica: o ponto²⁹, a linha³⁰, o plano³¹, o volume³², a textura³³ e a cor³⁴. A articulação desta unidade com a Cor foi imprescindível, pois foram utilizados vários materiais e a expressividade obteve mais resultados, tendo ela um papel muito importante na vida das pessoas e estando sempre presente.

²⁴ Para o pintor Ben Shahn “Forma é a configuração visível do conteúdo”; ou seja, para Rudolf Arnheim “esta é uma fórmula tão boa como qualquer outra para mostrar a distinção entre “shape” (configuração, figura, aspecto, forma) e “form” (forma).” in Rudolf Arnheim, *Arte & Percepção Visual*, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007, p. 89.

²⁵ “A cor, é de todos os elementos estruturais, o mais independente e autónomo de utilização, na linguagem plástica. Enquanto cor pode, simultaneamente, ser ponto, linha, textura, variação lumínica e, ainda e só, cor.” in Luísa Gonçalves, *Tecnologia dos Ofícios Artísticos*, Lisboa: Universidade Aberta, 1998, p. 92.

²⁶ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.7.

²⁷ in Departamento da Educação Básica, *ibid.*

²⁸ in Departamento da Educação Básica, *ibid.*

²⁹ “O ponto é no seu conceito visual e plástico, tanto a resultante da intercepção de duas rectas, como a superfície mais pequena que o olho humano pode perceber isoladamente, no campo visual.” in Luísa Gonçalves, *op. cit.*, p. 82.

³⁰ “A linha como elemento visual e plástico que delimita, configura e estrutura as formas; gera e qualifica as superfícies; regista o movimento na velocidade do gesto que a produziu; pode ser ainda e apenas a linha imaginária que a nossa mente descreve unindo dois ou mais pontos em sequencia espacial próxima.” in Luísa Gonçalves, *ibid.*

³¹ “O plano é a superfície ou o suporte onde construímos aquilo que queremos transmitir visualmente.” in Cármen Dias e Sandra Sousa, *op., cit.*, p. 30.

³² “O volume é o espaço que um corpo ocupa numa determinada área.” in Cármen Dias e Sandra Sousa, *op. cit.*, p. 33.

³³ “A pele das coisas – Textura - caracteriza-se visualmente pelo modo como se forma a superfície. (...) A textura é um conceito abstracto que nos serve e ajuda no caminho a percorrer até à representação do visualizado.” in Luísa Gonçalves, *ibid.*

³⁴ “A cor e a luz na sua interdependência no fenómeno físico que as explica, são elementos estruturantes nas expressões plásticas de sempre.” in Luísa Gonçalves, *op. cit.*, p. 83.

A experiência esteve no centro do processo educativo designado “Aprender fazendo”³⁵. A criança ao experimentar e tirar as suas próprias conclusões, estimulou a curiosidade, a autonomia estando num constante processo de questionamento.

O processo de ensino/aprendizagem³⁶ incidiu no método activo para compreensão do saber, na experiência e partilha de responsabilidade e na aprendizagem construtiva³⁷ de modo colectivo. A aprendizagem baseou-se na liberdade, solidariedade, princípios morais, sociais e cognitivos, onde os alunos, como indivíduos activos autónomos, críticos e criativos construíram a sua aprendizagem.

Para uma melhor motivação os alunos foram tratados com equidade, não permitindo haver distinções entre alunos. O ambiente em sala de aula foi agradável, seguro e estável, onde os alunos foram independentes e responsáveis na construção do seu próprio saber.

A motivação extrínseca³⁸, dentro dos possíveis, foi evitada e os interesses dos alunos foram valorizados (ex.: relacionar as aulas com a vida dos alunos, utilizar o nome dos alunos para dar exemplos, utilizar música, fazer exposições dos trabalhos na sala e aula e fora dela à medida que os alunos terminam os trabalhos), através do desafio, da curiosidade, do controlo para “*incentivar a autonomia e a autodeterminação.*”³⁹ A

³⁵ É um conceito desenvolvido por J. Dewey, “*que incentivou a prática educativa de “learn by doing”, aprender fazendo, colocando o carácter insubstituível de experiência no centro do processo educativo, incutindo à escola a função de possibilitar que a criança, ao experimentar e concluir sobre o resultado da sua experiência, proceda a um questionamento permanente.*” citado por Marta Ornelas em “*Motivar e ensinar através da experimentação.*” in *Revista de Animação e Educação*, Associação Nacional de Animação e Educação permanente, Caldas da Rainha: 2009, p.2.

³⁶ É um conceito usado na Educação que “*baseava-se (a) na compreensão do saber de forma dinâmica, através de um método activo; (b) nos alunos e no professor como actores de importância inequívoca, num processo centrado na experiência e partilha de responsabilidades; (c) na aprendizagem construída de modo colectivo tal como a produção do conhecimento, salvaguardando a ideia de que viver e aprender acontecem em simultâneo.*” in Marta Ornelas, *op. cit.*, p. 2.

³⁷ O processo de aprendizagem sobre “*as teorias construtivistas partem do pressuposto de que todos nós construímos a nossa concepção do mundo a partir da reflexão sobre as nossas próprias experiências. A aprendizagem assenta num papel activo do aluno, que constrói significados adequados a partir dos conteúdos e actividades que o professor lhe proporciona.*”, in Marta Ornelas, *op. cit.*, p. 4.

³⁸ Um outro conceito muito aplicado na Educação, “*a motivação extrínseca necessita de reforços externos que sustentem a satisfação, havendo uma consequência pela qual a actividade é realizada.*” in Marta Ornelas, *op. cit.*, p.8.

³⁹ Brophy, J. *Motivating Students to Learn*, Mahwah - New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004, p. 227.

interacção foi uma constante, assim como a experimentação de materiais que levaram ao desenvolvimento das competências dos alunos.

Foi um ensino estruturado (planeado e posto à disposição dos alunos), especificado e apropriado ao nível de ensino dos alunos com estratégias para os ajudar a satisfazer as exigências das tarefas. Tarefas estas exigentes, mas onde o grau de dificuldade não pôde ser exagerado (as tarefas fáceis requerem, no entanto, pouco esforço e produzem poucos sentimentos de sucesso) com uma definição dos objectivos clara e precisa.

As estruturas de objectivos e recompensas estiveram no cerne da vida da sala de aula que influenciaram o comportamento e a aprendizagem dos alunos.

O método expositivo⁴⁰ aqui utilizado teve como objectivo ajudar os alunos a assimilar novos conhecimentos, a ampliar as suas estruturas de conceitos e a desenvolver hábitos de escuta e pensamento. As aulas expositivas destinam-se a *"clarificar os objectivos da aula e a preparar os alunos para aprender"*⁴¹, ou seja, os objectivos devem ser transmitidos de forma clara, simples e concisa através de planos de aula, sistematizando as fases das aulas e o tempo necessário. Os *"organizadores prévios"*⁴² contêm matéria conhecida dos alunos relacionada com o seu conhecimento prévio. Estes organizadores prévios são mais eficazes se forem apresentados em qualquer formato visual com clareza e precisão. Para que isto seja feito eficazmente tem de se ter em atenção certos aspectos, como a clareza que se obtém através da planificação, organização e muita prática. A falta dela indica, muitas das vezes, que o orador não conhece bem a informação. Neste sentido, são suportes para a assimilação da *"nova informação"*⁴³. Utilizar elos explicativos e concretos e exemplos ajudam os alunos a verem a lógica, a causa, os resultados, os meios ou objectivos de um acontecimento ou ideia. As subsequentes *"interacções"*⁴⁴ destinam-se à verificação da compreensão da nova informação por parte dos alunos de modo a aumentar e a desdobrar as suas *"competências cognitivas"*⁴⁵ (observação directa dos sinais verbais por parte dos alunos e fazer questões são modos de verificar a compreensão). Se a matéria não foi compreendida, deve ser explicada melhor. Este

⁴⁰ Este modelo é provavelmente o modelo de ensino mais comum, pois *"requer que o professor dê aos seus alunos organizadores prévios antes de apresentar novas informações e que faça um esforço especial durante e depois da apresentação para fortalecer e desenvolver o raciocínio dos alunos."* in Richard I. Arends, *Aprender a Ensinar*, Madrid: McGraw-Hill, 2008, p. 257.

⁴¹ in Richard I. Arends, *ibid.*

⁴² in Richard I. Arends, *ibid.*

⁴³ in Richard I. Arends, *ibid.*

⁴⁴ in Richard I. Arends, *ibid.*

⁴⁵ in Richard I. Arends, *ibid.*

método tem a vantagem de o conhecimento poder ser transmitido a um grande número de alunos. O professor tem a autonomia de decidir o conteúdo e a profundidade do tema que pretende transmitir. A discussão é uma forma de desenvolver o raciocínio. Os alunos constroem estruturas de conhecimento mais complexas, ligando o novo conhecimento ao anterior.

Estes métodos são importantes para conhecer o aluno individualmente, aumentando a motivação, dependendo, no entanto, sempre das características dos alunos e de condicionantes materiais e humanas. O professor passa a ser facilitador e animador em vez de detentor do saber e os alunos são autónomos, favorecendo a auto-avaliação e o controlo.

Para desenvolver esta Unidade de Trabalho (vol. II, anexo 4, pág. 12) recorreu-se ao *“Ajustamento do programa de Educação Visual 3.º Ciclo do Ensino Básico”*⁴⁶ (vol. II anexo 15, pág. 57) ao manual adoptado pela escola *“Artes & Manhas”*⁴⁷, e à Planificação Anual (vol. II, anexo 1, pág. 5, anexo 2, pág. 8 e anexo 3, pág. 10) de forma a identificar as finalidades/metapas a atingir. As competências gerais (vol. II, anexo 16, pág. 58) a desenvolver serão factores importantes porque permite mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano, realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa e cooperar com os outros em tarefas comuns.

Inicialmente iremos fazer uma abordagem relativa ao desenho,⁴⁸ à pintura⁴⁹ e à construção⁵⁰.

⁴⁶ in Departamento da Educação Básica, *op. cit.*, p.10.

⁴⁷ in Carmén Dias, e Sandra Sousa, Material de apoio escolar, *Educação Visual 3.º Ciclo do Ensino Básico; Artes & Manhas*, Lisboa: Santillana Constância, 2006.

⁴⁸ Os *“aspectos relativos ao desenho, dado que permitem incrementar o progressivo controle do espaço gráfico e do traço, enquanto impressão relativamente estável da actividade realizada, produzindo-se assim um duplo efeito que se traduz de modo operativo num factor motivador decisivo para o processo e na constância ou perseverança na realização da actividade. Estas implicações vêm impulsionadas, principalmente, pelo papel que a autopercepção da autoria desempenha sobre a própria obra e a consciência do resultado da mesma.”* in M. Paz Díez-Hochleitner, Lorenzo Garcia e Concepción Sanchidrián *Enciclopédia de Educação Infantil*, vol. V, Lisboa: Nova Presença, 1997, p. 1097.

⁴⁹ Um segundo núcleo concretiza-se na pintura *“conjunto de técnicas em impressão, que permitem enriquecer a experiência multidimensional da criação, para avançar num grau de maior complexidade com as técnicas de <colagem>, mosaico e vitral que se aprofundam nos elementos plásticos de superfície e textura.”* in M. Paz Díez-Hochleitner, Lorenzo García. E Concepción Sanchidrián, *ibid.*

⁵⁰ Nas construções existe uma *“técnica plástica de grande importância pelas funções perceptivas e manipulativas que activa e que abrem toda uma nova gama de possibilidades expressivas por parte do*

O **desenho** é uma actividade fundamental de Expressão, neste sentido deve ocorrer frequentemente e de forma livre para que o aluno possa desenvolver a sua expressão. As crianças deverão escolher cores e materiais que melhor se adaptem à sua sensibilidade, com a introdução de diferentes suportes e actividades sugeridas. Os alunos poderão desenvolver a sua representação gráfica aliada a outras áreas.

A **Pintura** exige um clima de liberdade de expressão. À medida que os alunos desenvolvem esta técnica há que sugerir novas experiências para que estes explorem a sua capacidade de expressão no campo da pintura. Aqui, a organização e a partilha de material fomentam o espírito de grupo.

Nas **Construções** os alunos têm a necessidade de explorar sensorialmente materiais diferentes e objectos diversos. As construções facilitam a exploração da bi e tridimensionalidade, permitem o desenvolvimento da destreza manual e fomentam a capacidade criativa do aluno. O carácter lúdico destas actividades incentivam o empenho nos alunos, de modo a ultrapassar problemas que possam surgir.

Devemos salientar igualmente as estratégias de trabalho (vol II, anexo 17, pág. 60) utilizadas dentro da sala de aula relacionadas com as motivações e modelos de ensino, de forma a conseguir transmissão de conhecimento, os objectivos gerais e os conteúdos. Para o efeito, será importante referir o desenvolvimento das actividades de apresentação e motivação propostas na planificação realizada e também os condicionantes que surgiram na realização das tarefas.

A visão é fundamental na disciplina de Educação Visual por isso *“quando se fala da visão não se fala apenas na capacidade de olhar – essa espantosa capacidade que nos permite registar as sensações e percepções visuais”*.⁵¹ O ver⁵² é acima de tudo ir ao encontro das coisas, o modo como cada pessoa vê é diferente, logo o “Juízo”, que ela faz do mundo que a rodeia também é diferente de pessoa para pessoa. Este conceito não foge à realidade, por essa razão, podemos testemunhar e observar a criatividade na concepção

sujeito. Com efeito, os núcleos seguintes, construções e toda a variedade de composições (no plano e no volume) possibilitam o contacto do aluno com diversos materiais e a iniciação ao domínio das técnicas elementares, modalidades, tipos, etc., de expressão plástica.” in M. Paz Díez-Hochleitner, Lorenzo García e Concepción Sanchidrián, *ibid.*

⁵¹ in Rocha de Sousa, *Desenho: Artes Plásticas*, vol. IV, Ministério da Educação – Secretaria de Estado do Ensino Superior (I. P. E. D.), s.l., s.d., p. 11.

⁵² Segundo Rocha de Sousa *“o ver é a coordenação consciente dos diferentes olhares, das diferentes sensações, das diferentes percepções, das próprias memórias que nos informam os actos e as escolhas. Ver é escolher e é julgar. Ver é compreender.”* in Rocha de Sousa, *ibid.*

do trabalho através da apresentação de algumas imagens de trabalhos elaborados por outros alunos (vol. II anexo 18, pág. 61).

5.2 Propostas de trabalho e respectivos resultados

5.2.1 Aula número 1 e 2 (vol. II, anexo 5, pág. 27)

- Introdução da matéria através da exposição oral e escrita para que os alunos se inteirassem da matéria (método expositivo).
- Divulgação no quadro da proposta de trabalho e objectivos desenvolvidos pelos alunos.
- Depois da distribuição do objecto natural (fruto/legume), os alunos fizeram vários registos gráficos de observação directa, para terem conhecimento da forma do objecto.
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.

Nesta primeira aula de início da Unidade de Trabalho sobre a Forma (vol. II, anexo 4, pág. 12) recorreu-se a dez minutos para fazer uma abordagem teórica – ilustrada com imagens. Cada aluno recebeu um fruto/legume que lhe permitiu ter um primeiro contacto, desenvolvendo uma experiência valiosa. O objectivo inicial serviu não só para aplicar os

elementos visuais da forma como também despertar nos alunos o interesse pelos sentidos tais como: a visão, o olfacto e o tacto.

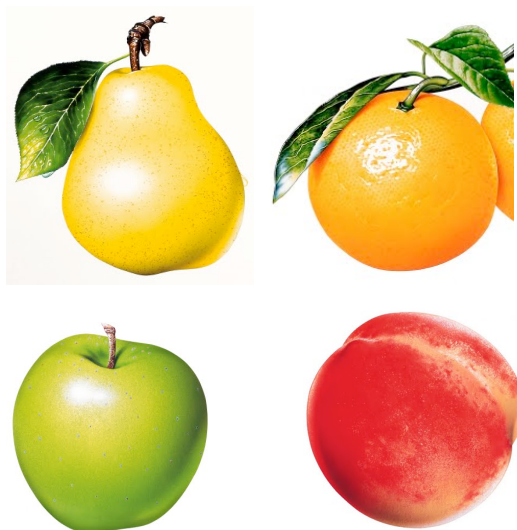


Fig.10 - Frutos naturais

Como a visão é importante e permite-nos registar as sensações e percepções visuais, nesta aula, após terem conhecimento do enunciado os alunos fizeram o levantamento gráfico do objecto respeitando a forma utilizando o lápis de grafite ou a esferográfica com motivação e empenho. O principal objectivo foi o de conseguir que o aluno tome consciência do seu significado, respeitando a forma dos objectos e consiga alcançar uma progressiva habilidade e agilidade manual. Os alunos manusearam diferentes materiais e interpretaram o objecto de diferentes maneiras por meio de linhas, pontos e sombras respeitando a forma.



Fig.11 - Registo gráfico do fruto a lápis de grafite



Fig.12 - Registo gráfico do fruto a esferográfica

5.2.2 Aula número 3 e 4 (vol. II, anexo 6, pág. 30)

- Apresentação de um PowerPoint sobre os elementos plásticos da linguagem visual: o ponto, a linha, o plano, o volume, a textura e a forma (vol. II, anexo 19, pág. 64).
 - Distribuição de uma Proposta de Trabalho (vol. II, anexo 20, pág. 76).
 - Exposição dos critérios de avaliação e correcção da proposta de trabalho no quadro.
 - Apontamentos importantes e esclarecedores no quadro, como por exemplo, aplicação dos materiais obrigatórios a utilizar no trabalho.
 - Exemplificação do que se pretendia com trabalhos realizados por colegas.
 - Exploração gráfica de vários elementos formais retirados dos registos: o ponto, a linha, a luz/sombra/superfície, a mancha/cor, utilizando várias técnicas e dois materiais diferentes à escolha, em desenho expressivo.
-
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.
 - Boa gestão do tempo de modo a que os alunos não se distraíssem com conversas paralelas.
 - Normas de recolha, limpeza e conservação dos materiais.
 - Controlo e saída dos alunos.

Após a introdução da matéria os alunos concluíram os trabalhos iniciados na aula anterior sobre o levantamento gráfico dos objectos. Abaixo está um exemplo do trabalho elaborado.

U1 REGISTOS GRÁFICOS| LÁPIS DE GRAFITE| ESFEROGRÁFICA| 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.13 - 1.º TRABALHO | Registos gráficos a lápis de grafite e esferográfica

5.2.3 Aula número 5 e 6 (vol. II, anexo 7, pág. 34)

- Breve introdução ao conceito de Luz/Cor, evidenciando a sua fácil caracterização através de claro/escuro.
- Exposição da matéria sobre cores primárias, cores secundárias e cores intermédias.
- Explicação sobre cores frias, cores quentes e gradação da cor.
- Exploração gráfica de vários elementos formais luz/sombra/superfície, e mancha/cor, utilizando suportes diferentes e dois tipos de materiais à escolha, em desenho expressivo.
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.

Nesta aula o aluno coloca o fruto sobre a mesa e vai registar em posições diferentes o objecto utilizando obrigatoriamente dois materiais à escolha. O desenvolvimento dos trabalhos, utilizando a técnica de dois materiais diferentes sobre papel de formato A3 levou a que os alunos organizassem o trabalho com dedicação. Este exercício serve para que o aluno se expresse livremente e seja criativo. Ao experimentar combinações de materiais e de cores diferentes consegue obter riqueza cromática, harmonia e contraste das várias cores. A maioria dos alunos utilizaram as técnicas do lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro e guache. A visão do aluno além de se exercitar de um modo dinâmico, o objecto ganha novos aspectos através da cor.



Fig.14 - Registo gráfico de dois materiais diferentes (lápis de cor e marcadores)

U1 REGISTOS GRÁFICOS | 2 MATERIAIS DIFERENTES | 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.15 - 2.º TRABALHO | Registos utilizando a técnica de dois materiais diferentes

5.2.4 Aula número 7 e 8 (vol. II, anexo 8, pág. 37)

- Breve introdução ao conceito de texturas de superfície, evidenciando a sua fácil caracterização por linhas e pontos, através de exercícios básicos.
- Saber distinguir texturas naturais e artificiais.
- Exposição da matéria e entrega de uma Proposta de Trabalho (vol. II, anexo 21, pág. 78).
- Uso de estratégias e recursos variados adequados aos alunos, nomeadamente a apresentação de vários tipos de textura recorrendo aos materiais existentes dentro da sala de aula.
- Exploração gráfica de vários elementos formais retirados dos registos: o ponto, a linha e a textura, utilizando várias técnicas e materiais à escolha, em desenho expressivo.
- Alcançar características plásticas de flexibilidade, pensamento e originalidade na própria criação plástica.
- Adquirir o conceito material de tridimensionalidade.
- Observar a plasticidade dos materiais.
- Desenvolver o sentido do tacto.
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.
- Normas de recolha, limpeza e conservação dos materiais.

O aluno além de observar o fruto tem a possibilidade de o cheirar. O cheiro desperta curiosidade na criança, porque o cheiro do fruto pode ser marcante, logo, é através do tacto que a textura aparece de uma forma quase imediata. É através da componente táctil que vemos e sentimos os relevos dos objectos, as manchas cromáticas, as incisões e as irregularidades. Neste exercício o aluno terá que recorrer a diferentes materiais, podendo ser naturais ou artificiais, (desde folhas de papel, tecidos, fios), e aplicar através do rasgar, dividir em pedaços, recortar e colar, criando colagens planas bidimensionais e/ou colagens tridimensionais. As representações plásticas apresentadas pelos alunos podem ser figurativas ou não figurativas com baixos e altos relevos/volume. O aluno ao aplicar diferentes materiais cria diferentes texturas.



Fig.16 – Superfícies texturadas com papel, colagens e papeis reciclados

U1 REGISTOS GRÁFICOS| MATERIAIS E SUPORTES DIFERENTES | 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.17 - 3.º TRABALHO | Aplicação de vários tipos de material, criando texturas

5.2.5 Aula número 9 e 10 (vol. II, anexo 9, pág. 40)

- Breve introdução ao conceito de volume e a sua percepção.
- Factores fundamentais da percepção da forma/fundo, da mancha/silhueta, da cor, da textura e do contorno do objecto.
- Entrega de uma Proposta de Trabalho: saber identificar, na observação as formas (vol. II, anexo 22, pág. 80).
- Referir as três dimensões dos objectos tridimensionais: altura, largura e comprimento.
- Apresentação de um PowerPoint sobre a Forma/Fundo/Contorno (vol. II, anexo 23, pág. 82).
- Percepção visual da Forma/Fundo.
- A linha enquanto elemento gerador da forma ou enquanto elemento gerador de recorte ou contorno e através dela criar novos objectos.
- Expressar-se plasticamente, mediante o domínio da forma e do volume.
- Alcançar destrezas na manipulação dos materiais para a construção de novas aparências.
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.

Nesta proposta de trabalho o aluno terá que recorrer à linha enquanto elemento gerador da forma ou enquanto elemento gerador de recorte ou contorno e através dela criar novos objectos. Esta actividade permitiu proporcionar ao aluno uma motivação intrínseca, considerando pelo menos quatro factores, o desafio, a curiosidade, o controlo e a fantasia⁵³.

No final da aula foi entregue uma Ficha de Trabalho para Casa como continuação da prática e preparação para o dia seguinte (vol. II, anexo 24, pág. 82).

⁵³ Para Brophy "o desafio (ajustar os níveis de dificuldade para que as tarefas sejam sempre desafiadoras); a curiosidade (incluir elementos que estimulem a curiosidade); o controlo (oferecer escolhas ou por outro lado encorajar os alunos a experienciar o sentido de autonomia ou autodeterminação quando estes se empenham nas actividades); e a fantasia (embelezar as actividades de modo a encorajar os alunos a empenhar-se nelas com um jogo divertido, uma identificação com personagens fictícias, ou um envolvimento num mundo de fantasia)." in Brophy, J., *Motivating Students to Learn*, Mahwah - New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004, p.227.

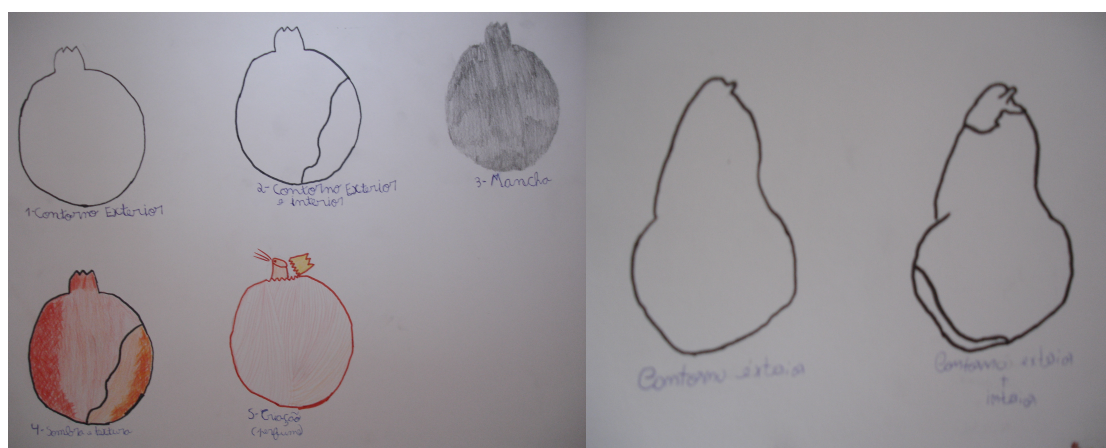


Fig.18 - A linha enquanto elemento gerador da forma

U1 CONTORNO| LINHAS INTERIORES| MANCHA| TEXTURA| 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.19 - 4.º TRABALHO | Contorno, linhas interiores e textura | Novo objecto

5.2.6 Aula número 11 e 12 (vol. II, anexo 10, pág. 44)

- Continuação da Proposta de Trabalho iniciada na aula anterior.
- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.

No fim o fruto/legume utilizado pode ser saboreado pelo aluno.

U1 TRANSFORMAÇÃO DO OBJECTO INICIAL | 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.20 – 4.º TRABALHO | Transformação do objecto

5.2.7 Aula número 13 e 14 (vol. II, anexo 11, pág. 47)

- Noções de escalas. Escala de redução, escala natural e escala de ampliação.
- Exercício de aplicação através da quadrícula (malha).
- Apresentação de um PowerPoint sobre escalas.
- Exposição da matéria e Proposta de Trabalho sobre as escalas de redução e ampliação (vol. II, anexo 25, pág. 87).

Fase 1- Será entregue ao aluno uma folha de papel A4 com um desenho em escala natural que terá que apresentar:

- O mesmo desenho através de escala de redução e escala de ampliação.

Fase 2- Numa folha de papel A3 apresentar uma Composição Visual aplicando todos os Elementos Visuais da Forma que aprendeu nas aulas anteriores.

- Acompanhamento individual ao aluno de modo a que fosse possível obterem melhores resultados.
- Entrega de uma Ficha de Trabalho sobre a unidade global T. P. C. (vol. II, anexo 26, pág. 88).

Por último o aluno terá que criar uma “Composição Visual” utilizando todos os elementos visuais da forma, o ponto, a linha, a textura e o volume. Com o auxílio do papel vegetal o aluno pode aumentar ou diminuir o objecto, utilizar escalas de redução e escalas de ampliação através da malha, ou recorrer à fotocópia para ampliar ou reduzir o objecto. O aluno poderá utilizar livremente os materiais utilizados nas técnicas anteriores.



Fig.21 – Elementos visuais da forma, o ponto, a linha, a textura e volume

U1 ESCALAS | REDUÇÃO | AMPLIAÇÃO | 7 C



Professora Estagiária: Edite António

Professor Orientador: João Paulo Trigueiros

Fig.22 - 5.º TRABALHO | Composição Visual

5.3 Actividades desenvolvidas com vista a complementar o trabalho executado no espaço “sala de aula”

Para a implementação das actividades recorreu-se às metodologias de ensino adequadas ao nível etário dos alunos, ver gráfico 3.2, nomeadamente ao desenho, explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais; tecnologias da imagem; planos de aulas (vol. II, anexo 5, pág. 27, anexo 6, pág. 30, anexo 7, pág. 34, anexo 8, pág. 37, anexo 9, pág. 40, anexo 10, pág. 44 e anexo 11, pág. 47); PowerPoint (vol. II, anexo 14, pág. 55, anexo 19, pág. 64 e anexo 23, pág. 82); visionamento de um filme; vários exemplos de imagens sobre os elementos visuais da forma de outros colegas (vol. II, anexo 18, pág. 61); exposições dos trabalhos dos alunos na sala de aula (vol. II, anexo 28, pág. 93) como forma de motivação para o futuro e critérios de avaliação e correcção do trabalho no quadro.

Seguem-se alguns exemplos das actividades desenvolvidas:

- Observação, Análise e Interpretação de situações reais criadas ou imaginadas;
- Leitura e discussão de textos;
- Diálogo em grupo para a partilha de saberes e construção de novas realidades;
- Elaboração de projectos (planificação e execução);
- Realização de trabalhos temáticos;
- Realização de Fichas de Apoio;
- Realização de Propostas de Trabalho;
- Visualização de PowerPoints;
- Visualização de filmes nas Unidades de Trabalho “Espaço” e “Forma”.

Com o objectivo último de, por um lado ficar a conhecer melhor os alunos, e por outro de melhorar as estratégias de ensino no futuro, optou-se por fazer um pequeno estudo que envolvesse a análise do impacto da aprendizagem cooperativa⁵⁴, ou seja, misturar no mesmo conjunto os alunos do ensino regular com alunos do ensino especial, ver gráfico 3.3, e a eventual evolução de níveis dos alunos em função de factores sócio-económicos, ver gráficos 3.4, 3.5, 3.6, 3.7, 3.8, 3.9, 3.10 e 3.13. Ou seja, para o estudo foram

⁵⁴ Com base em Arends, 1995; Freitas & Freitas, 2003; Sprinthall & Sprinthall, 1993. “A Aprendizagem Cooperativa é um modelo de ensino que se desenvolveu sobretudo a partir da década de 60, nos E. U. A.” Este método “Consiste numa forma específica de utilizar o trabalho de grupo, estabelecendo-se um conjunto de normas, de forma a que todos os alunos atinjam determinados objectivos.” citado por Ema Oliveira em *Powerpoint sobre a Aprendizagem Cooperativa*, in disciplina de Psicologia da Educação, 2009, p.1.

importantes aspectos como o meio de transporte utilizado pelo aluno e o tempo gasto para a deslocação à escola, a situação conjugal dos pais, o número de irmãos e de pessoas com quem vivem, as habilitações literárias dos pais e finalmente a necessidade de recorrer ou não ao SASE. Os 27 alunos sujeitos ao estudo faziam parte da turma C do 7.º ano, ver gráfico 3.1.

5.4 Plano de investigação para a testagem da hipótese

De entre os vários métodos de investigação ao nosso dispor para efectuarmos este estudo com rigor académico, nomeadamente o método descritivo⁵⁵, o explicativo⁵⁶, o método exploratório⁵⁷, e o método correlacional⁵⁸, optou-se pelo último. A opção deveu-se ao facto de este método nos permitir chegar a conclusões por meio de comparações estatísticas para poder comparar a eficácia do modelo de “*aprendizagem cooperativa*”⁵⁹ a partir da comparação do nível de importância dos resultados obtidos (traduzidos pelas notas dos alunos nas diferentes fases do trabalho). De seguida podemos comparar os resultados obtidos e perceber se realmente existe uma relação entre os resultados obtidos pelos alunos e o método de aprendizagem cooperativa. O plano de investigação correlacional permite-nos relacionar efeitos de variáveis, apreciar interações e diferenciar grupos. Sendo assim, estabelecemos dois grupos, o grupo A e o grupo B. O grupo experimental que é o grupo A (os alunos com os níveis de avaliação mais baixos ou com

⁵⁵ “Os estudos descritivos procuram especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenómeno que se submeta à análise.” in Antonio Carlos, Gil, *Como elaborar projectos de pesquisa*, São Paulo: 1991, p. 101.

⁵⁶ “*Pesquisa Explicativa: visa identificar os factores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenómenos. aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas. Quando realizada nas ciências naturais, requer o uso do método experimental, e nas ciências sociais requer o uso do método observacional. Assume, em geral, a formas de Pesquisa Experimental e Pesquisa Expost-facto.*” in Antonio Carlos, Gil *op. cit.*, p.102.

⁵⁷ “Os estudos exploratórios: visam proporcionar maior familiaridade com o problema com vista a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso.” in Antonio Carlos, Gil, *op. cit.*, p.103.

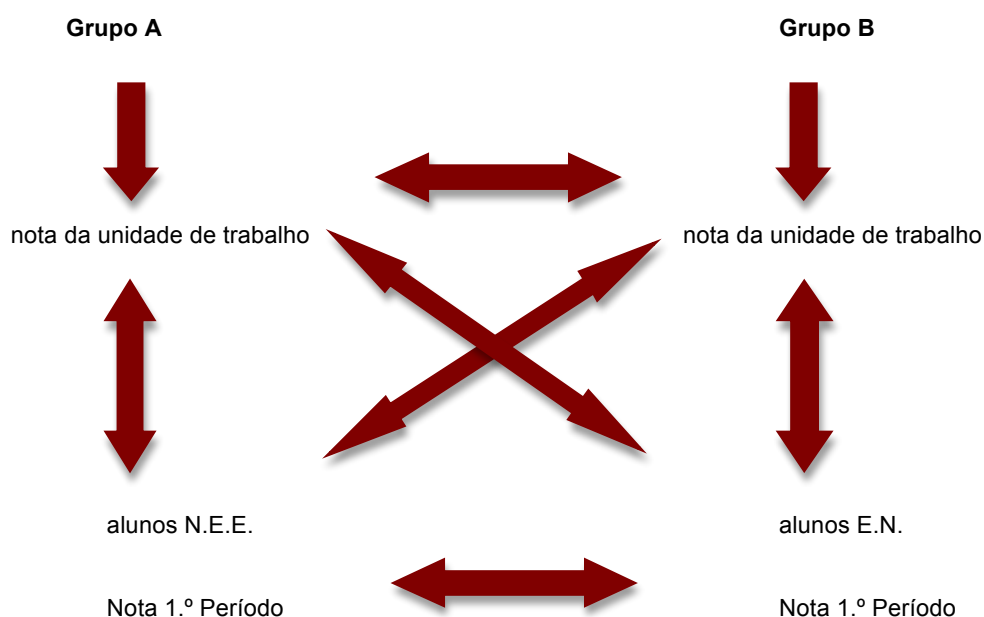
⁵⁸ “A pesquisa correlacional tem como objectivo avaliar a relação entre duas ou mais variáveis ou conceitos.” in Antonio Carlos, Gil, *op. cit.*, p.104.

⁵⁹ Este conceito encontra-se citado por Ema Oliveira, na página 64 deste relatório com base em Arends, 1995; Freitas & Freitas, 2003; Sprinthall & Sprinthall, 1993.

problemas de aprendizagem) e o grupo de controlo que é o grupo B (os alunos com os níveis de avaliação superiores).

A duração do estudo foi a de uma unidade de trabalho mediante várias fases de trabalho. O instrumento de avaliação do sucesso académico será o resultado das notas (vol. II, anexo 27, pág. 91).

O esquema seguinte pretende facilitar a compreensão do nosso estudo:



As setas bidireccionais indicam as relações que podemos estabelecer e efectuar comparações.

As fases da metodologia de investigação são:

Definição do problema – identificação: queremos saber se o método de aprendizagem cooperativa interfere no sucesso académico dos alunos.

Formulação de hipóteses – possíveis explicações a testar:

- a aprendizagem cooperativa não tem impacto no sucesso académico;
- a aprendizagem cooperativa melhora o sucesso académico;
- a aprendizagem cooperativa piora o sucesso académico.

5.5 Análise e implicações

Existem na turma 3 alunos com necessidades educativas especiais. Os pais destes 3 alunos têm todos um baixo nível de escolaridade e apresentam profissões com baixos rendimentos. Todos os 3 alunos beneficiam do escalão A de SASE (gráfico 3.13). Um destes alunos desloca-se para a escola de autocarro e demora cerca de 30 minutos, enquanto que os outros dois alunos se deslocam para a escola e demoram apenas 6 minutos, pelo que podemos concluir que nem o tempo nem o meio de transporte são factores a ter em linha de conta para o nosso estudo. Dois destes alunos apresentam uma retenção e o outro duas retenções (gráfico 3.3). Para efeitos de análise, podemos considerar que estes elementos são bastante elucidativos da situação sócio-económica destes alunos e, de certa forma, podemos concluir que existem influências a este nível.

Relativamente aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos, podemos verificar que os níveis de avaliação são todos baixos, todos os três alunos obtiveram a classificação de 52% no primeiro trabalho, curiosamente no trabalho em que ainda não tinha sido aplicado o método de aprendizagem cooperativa.

A partir do momento em que se aplicou a estratégia de aprendizagem cooperativa, deslocando os alunos para junto de outros alunos com níveis de avaliação elevados, verificou-se um aumento generalizado nos níveis de avaliação destes três alunos. De 52 % passaram para níveis que rondaram em todos os três casos os 70 % no segundo e terceiro trabalho, chegando um dos alunos inclusive a ter uma classificação de 74 % no terceiro trabalho. Neste sentido podemos concluir que a aprendizagem cooperativa melhora o sucesso académico, pois todos os três alunos que apresentavam necessidades educativas especiais, conseguiram aumentar consideravelmente a sua prestação de "médio menos" no primeiro trabalho para uma classificação de "médio" (vol. II, anexo 27, pág. 91).

Para além deste estudo, procedemos igualmente ao estudo dos alunos com níveis mais baixos e fomos analisar a sua progressão ao longo do ano lectivo. Deste modo podemos verificar que 11 alunos subiram de nível do primeiro para o segundo período (gráfico 4.5) e que 3 alunos subiram de nível do segundo para o terceiro período (gráfico 4.8). Destes alunos temos de salientar que nenhum se desloca para a escola por autocarro (gráfico 3.4) nem demora mais de 15 minutos a chegar à escola, aliás, a maior parte deles demora menos de 10 minutos (gráfico 3.5). Apenas um dos alunos que subiu de nível usufrui do escalão B de SASE (gráfico 3.13) não sendo este factor um elemento distintivo. De referir é o nível de escolaridade dos pais destes alunos que têm maioritariamente o 12.º Ano ou são licenciados (gráfico 3.9 e 3.10) o que nos permite concluir que o nível de escolaridade

dos pais é um factor distintivo na evolução dos alunos. O facto de serem filhos de pais divorciados não constitui um factor distintivo pois dos 4 alunos nesta situação apenas 2 tiveram evolução da nota obtida (gráfico 3.6). Com estes dados podemos concluir que o facto de os pais terem um nível de escolaridade médio/alto influencia a evolução positiva dos alunos. Nesta análise podemos ainda incluir a curiosidade de que todos os alunos que obtiveram uma evolução positiva demoraram muito pouco tempo na deslocação para a escola, o que indicia que também aí poderá haver um factor distintivo.

5.6 Reacções dos alunos

Numa primeira fase os alunos familiarizaram-se com os objectos naturais, neste caso frutos, observaram-no e fizeram registos gráficos em observação directa, em várias posições e com dois materiais diferentes (lápiz de grafite e esferográfica).

Nesta fase optou-se por introduzir um objecto diferente dos objectos normalmente utilizados, ou seja, um objecto natural. Esta opção deveu-se ao simples facto de se optar por um objecto que permitisse outras variantes didácticas mais completas. É que um fruto para além de ser um objecto, com todas as suas características inerentes, como sejam, a sua forma, textura, tridimensionalidade⁶⁰ e cor, apresenta também a possibilidade de poder ser explorado pelos alunos do ponto de vista do tacto, do olfacto e do gosto. A introdução dos frutos iria permitir a experimentação na sala de aula de uma ligeira mas não menos importante alteração no objecto escolhido de modo a observar a aceitação, a reacção e os resultados práticos nos alunos no final da unidade de trabalho.

Numa segunda fase, depois de ser apresentado um PowerPoint sobre os “Elementos Estruturais da Linguagem Plástica”: o ponto, a linha, a cor, o volume e a textura (exemplos e conceitos), os alunos exploraram através dos elementos formais da linguagem plástica que aprenderam várias fases de exercícios utilizando vários suportes e materiais sobre o objecto natural. Por último os alunos elaboraram uma Composição Visual criativa.

De um modo geral podemos considerar que a reacção dos alunos foi muito positiva, pois todo o trabalho foi executado com elevados índices de interesse e entusiasmo. Estas reacções foram ainda mais evidentes graças à constatação de competitividade patente nalguns alunos que se predispunham notoriamente a alcançar um resultado melhor que os seus colegas, facto que evidencia uma estratégia correcta ao nível da aprendizagem cooperativa.

⁶⁰ Conceito utilizado para definir as “*estruturas tridimensionais que são as que se caracterizam por terem três dimensões espaciais, ou seja, largura, comprimento e altura.*” in Cármen Dias e Sandra Sousa, *op. cit.*, p. 66.

5.7 Conclusão reflexiva da evolução dos alunos

Toda a turma colaborou e participou com motivação nas actividades propostas no decorrer da unidade temática. Isto deveu-se ao facto de a unidade de trabalho abranger múltiplas formas de abordar os conteúdos. Os alunos mostraram-se empenhados, motivados e participativos nas várias fases do trabalho proposto.

Como todos os trabalhos foram expostos na sala de aula e na Biblioteca da escola, os alunos receberam elogios por parte de outros colegas o que os encorajou para as tarefas seguintes.

Os alunos revelaram criatividade e expressividade no desenvolvimento dos trabalhos plásticos o que possibilitou novas leituras sobre o trabalho desenvolvido.

Podemos concluir que algumas estratégias definidas pelo Conselho de Turma e aplicadas dentro da sala de aula favoreceram a aprendizagem, tendo em conta a promoção e a valorização pessoal e social dos alunos:

- Adequar as actividades e estratégias às características dos alunos;
- Desenvolver hábitos e métodos de trabalho, implicando os alunos nas actividades a desenvolver ao longo da unidade de trabalho;
- Desenvolver actividades que levem os alunos a cuidar a organização e apresentação dos trabalhos;
- Comunicar com a Directora de Turma e com o Encarregado de Educação (através da caderneta), sempre que necessário.

5.8 A avaliação

A avaliação⁶¹ na Educação Visual e Plástica deve partir de três pressupostos: as características do Programa, a actividade do professor e por último o resultado da aprendizagem. A avaliação na disciplina deve ser o mais qualitativa possível e evitar-se que seja quantitativa, já que a educação tem por objectivo a educação de certas qualidades do indivíduo. Devemos dar também tanta importância ao processo criativo como ao produto, porque só assim o professor poderá ter a ideia de como fazer uma avaliação objectiva partindo das peculiaridades próprias de cada aluno. É muito importante ter em conta para avaliar, não exactamente o nível em que o aluno tem no

⁶¹ A avaliação é “o processo de fazer juízos ou decidir sobre o mérito de uma determinada abordagem ou de um trabalho de um aluno.” in, Richard I. Arends, *op. cit.*, p. 211.

início do ano lectivo, mas precisamente a sua trajectória e mais exactamente o seu crescimento no fim do ano.

Os alunos devem ser sempre incentivados à auto-avaliação de modo a serem eles mesmos os primeiros críticos dos seus próprios trabalhos.

5.8.1 Avaliação sobre a Unidade de Trabalho

A avaliação é uma tarefa necessária durante o processo ensino/aprendizagem que pode ser definida como a função desempenhada pelos professores para tomar decisões acertadas sobre o seu ensino e o dos seus alunos, conforme os objectivos propostos, verificando assim progressos, dificuldades e possibilitando a orientação do trabalho para as correcções necessárias influenciando a dinâmica e o processo de ensino/aprendizagem.

Vão ser referidos os instrumentos e tipos de avaliação desenvolvidas na unidade de trabalho “Forma” utilizados com a turma, como também o desenvolvimento das actividades da avaliação através de instrumentos objectivos⁶² e metodologias⁶³ realizadas nas tarefas.

Outro ponto analisado é a avaliação do trabalho desenvolvido, com referência à auto-avaliação dos alunos como forma de consolidação das aprendizagens.

5.8.2 Objectivos/funções da avaliação

A avaliação tem como objectivo o desenvolvimento do indivíduo como um todo, no “domínio afectivo, cognitivo e psicomotor”⁶⁴. Ela reflecte a unidade temática (conteúdo/método/objectivo) onde o aluno necessita de saber para que é que está a trabalhar, no que está a ser avaliado e quais os métodos utilizados. É um processo que revê o plano de ensino, onde os objectivos a atingir têm de ser expostos com clareza,

⁶² Os instrumentos objectivos de avaliação “são constituídos a partir de critérios previamente definidos e constituem padrões de medida.” É também uma “interpretação rigorosa dos elementos fornecidos pelos alunos e funcionam independentemente de quem for o avaliador.” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 211.

⁶³ As metodologias são um “conjunto de técnicas que propiciam a aprendizagem por parte dos alunos” e o “estudo dos métodos próprios das diferentes ciências.” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 311.

⁶⁴ Os domínios referidos “representam, em qualquer dos casos, tentativas de classificação que fornecem preciosos pontos de referência e constituem instrumentos úteis de trabalho para os professores enquanto aplicadas a objectivos educacionais.” adaptado de Lucie Carrilho Ribeiro, *Avaliação da Aprendizagem*, Colecção Educação Hoje, s.l., Texto Editora, 1999, p. 4.

observando os alunos à medida que decorrem as actividades, possibilitando a abertura a novos caminhos e novas decisões no futuro.

A avaliação desenvolve as capacidades e habilidades, promove a auto-percepção do professor e é objectiva, garantindo e comprovando os conhecimentos.

Tem como tarefas conhecer melhor o aluno, verificar os ritmos de progresso, detectar dificuldades e orientar as aprendizagens, corrigindo, melhorando e completando o trabalho, adequando o ensino para que seja mais fácil e eficaz.

A avaliação tem uma função social e pedagógica.

A recolha de informação pode ser utilizada para diagnosticar os conhecimentos e as competências prévias dos alunos, proporcionando-lhes informação correctiva acerca do desempenho e juízos correctos sobre as realizações dos alunos.

A avaliação permite o reajustamento com vista à execução dos objectivos pedagógicos pretendidos e favorece a responsabilidade do aluno (correção de erros). Tem função de controlo, na medida em que visa investigar, identificar os factores do ensino, adaptando-se aos diferentes comportamentos dos alunos. É um controlo contínuo e sistemático na relação professor/aluno.

Em primeiro lugar determina-se o que vai ser avaliado, depois estabelecem-se os critérios e as condições para a avaliação, em terceiro seleccionam-se as técnicas e instrumentos de avaliação, e por último realiza-se a aferição dos resultados.

5.8.3 Critérios de Avaliação

Uma das etapas da avaliação é estabelecer critérios⁶⁵ e condições para avaliar.

O processo avaliativo tem de ser benéfico, justo e uniforme, global, eficaz na produção e nas mudanças no comportamento, estar ao alcance dos alunos, ser aberto, praticável, cómodo, útil e as conclusões finais devem ter validade a longo prazo.

Os critérios de avaliação dependem dos objectivos da avaliação, dos meios, conteúdos, duração, número, tipo e idade dos alunos e condições da sala de aula.

Depois de formular e classificar objectivos, serão concebidas estruturas de desenvolvimento cognitivo, afectivo e psicomotor.

⁶⁵ A aprendizagem deve fundamentar-se em critérios de avaliação, *“previamente definidos, com a finalidade de interpretar correctamente a informação recebida, tendo em conta, naturalmente, as metas educacionais estabelecidas pela planificação programática.”* in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 249.

Critérios de avaliação utilizados na unidade de trabalho:**Domínio Cognitivo (Conhecimentos e competências): 20%**

- Discutir e argumentar utilizando linguagem específica da disciplina;
- Reconhecer a importância das Artes Visuais como valor cultural indispensável ao desenvolvimento humano;
- Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes;
- Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais;
- Reconhecer diferentes formas de representação do espaço;
- Identificar os elementos integrantes da expressão visual: linha, textura, cor, ponto, volume;
- Criar composições a partir de observações directas, utilizando os elementos e os meios da expressão visual;
- Aplicar os valores cromáticos nas experimentações plásticas;
- Utilizar o desenho como um meio para a representação expressiva das formas;
- Traduzir diferentes narrativas em imagens.

Domínio Sócio-afectivo (Atitudes e valores): 20%

- Realizar actividades de forma autónoma, responsável;
- Participar na vida cívica de forma crítica e responsável respeitando as diversidades;
- Revelar capacidade para superar dificuldades;
- Revelar empenho, interesse e organização;
- Ajudar os colegas de forma voluntária;
- Ser assíduo e pontual;
- Utilizar correctamente os materiais;
- Ser cuidadoso com a segurança e a higiene no trabalho;
- Cumprir as regras da sala de aula.

Domínio Psicomotor (Capacidades e aptidões): 60%

- Realizar composições;
- Expressar de forma clara;
- Dominar a bidimensionalidade;
- Procurar soluções originais e alternativas para problemas;
- Valorizar a expressão espontânea e o improviso;

- Desenvolver a motricidade nas diferentes técnicas artísticas;
- Observar e registar correctamente;
- Descodificar diferentes linguagens e códigos das artes.

Reduzido Menos	Reduzido	Reduzido Mais	Médio Menos	Médio	Médio Mais	Elevado	Excelente
0 – 19%	20 – 44%	45 – 49%	50 – 54%	55 – 69%	70 – 74%	75 – 89%	90 – 100%
1	2	3 (-)	3	3 (+)	4 (-)	4	5

Tabela 4: Critérios de êxito

No domínio cognitivo/saber a avaliação foi feita através da média dos trabalhos individuais. No domínio Psicomotor/saber fazer, a avaliação realizou-se através da elaboração de questões sobre os conteúdos leccionados e também através da observação directa e/ou indirecta dos exercícios. A observação incidiu sobre as aulas, tendo todas o mesmo peso. Para tal recorreu-se à ficha de observação (vol. II, anexos 36, pág. 109) elaboradas para o efeito, onde foram registados os resultados. No domínio sócio-afectivo a avaliação realizou-se através da observação feita ao longo das aulas.

A avaliação em educação visual é contínua, com base no desenrolar de trabalhos práticos. É uma avaliação relativa aos alunos com base em objectivos, sob a forma de capacidades, exigindo a avaliação inicial, prosseguindo com a formativa⁶⁶ e terminando com a sumativa⁶⁷. Os objectivos, através de estratégias metodológicas de conhecimentos, valores, atitudes, procedimentos, originam a avaliação contínua, que em conjunto com a sumativa originam resultados.

A avaliação formativa foi a principal modalidade de avaliação, que assumiu carácter contínuo e sistemático, e visou a regulação do ensino. Recorreu-se a vários instrumentos

⁶⁶ A avaliação formativa “deverá ter por critério a sistematização e não a ocasionalidade, não sendo um instrumento que se limita a registar resultados, mas sim é um processo cuja aplicação se evidencia pelas seguintes vantagens: possibilita a verificação de um máximo de aprendizagens (...); demonstra se determinado comportamento esperado não foi assimilado (...); revela se os alunos conseguiram apreender os objectivos mínimos (...); identifica a origem das dificuldades observadas (...); identifica erros e prescreve os meios de correcção (...) e por último identifica erros que podem sugerir a aplicação de outras estratégias de ensino” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, pp. 239, 240.

⁶⁷ A finalidade da avaliação sumativa é a de “medir a aprendizagem e também classificar os alunos. Reporta-se, por isso, à apreciação de resultados finais de uma sucessão de aprendizagens (parte de uma unidade, uma unidade ou mais, ou mesmo do programa)(...)” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 243.

de recolha de informação de acordo com a actividade que realizaram e dos contextos em que ocorreu. Na recolha de informação foram elaboradas tarefas com campos de observação com critérios (o que se observou, que qualidades se encontraram e se apreciaram). Os critérios foram transmitidos aos alunos e durante a realização das tarefas houve uma auto-avaliação por parte dos alunos. Este tipo de avaliação é formadora, pró-activa que tem por base a auto-regulação e a autonomia do aluno.

Através da avaliação sumativa, no final da unidade, ajuizou-se o progresso do aluno, no sentido de aferir resultados já recolhidos pela avaliação formativa sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para a actividade em foco. Através dela obtêm-se indicadores para o aperfeiçoamento do processo de ensino.

O levantamento dos dados para a avaliação fez-se através de produtos técnicos e de expressão, todos os materiais utilizados durante o processo e pela observação directa de operações técnicas e fichas de auto-avaliação.

5.8.4 Avaliação do trabalho desenvolvido

Ao longo da realização da tarefa proposta a avaliação foi contínua com base no desenrolar das actividades. Teve como referência as finalidades e os objectivos da disciplina, sendo os parâmetros de avaliação anteriormente definidos: técnicas, conceitos, processo, percepção, valores, atitudes e expressão.

As avaliações foram curtas e frequentes, favorecendo as aprendizagens dos alunos e a motivação, levando os alunos a perceberem melhor os objectivos que eram pedidos.

A medição⁶⁸ foi o processo utilizado na recolha de informação sobre os alunos na sala de aula, com o fim de tomar decisões educativas. A forma como a avaliação foi feita influenciou a evolução das aprendizagens.

O levantamento dos dados para a avaliação fez-se através dos produtos técnicos e de expressão, todos os materiais adquiridos ao longo do processo e através da observação directa de operações técnicas e fichas de auto-avaliação (vol. II, anexo 37, pág. 110).

Os três aspectos da avaliação foram:

⁶⁸ Os instrumentos de medição *“devem ser construídos de modo a que assegurem a validade das medições: devem medir efectivamente o que se quer medir.”* in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 259.

Este método *“refere-se normalmente a toda a informação recolhida e sintetizada pelos professores sobre os seus alunos e as suas salas de aula. A informação pode ser recolhida junto dos alunos de uma série de maneiras informais, tais como, através da observação e da interacção verbal.”* in Richard I. Arends, *op. cit.*, p. 211.

- Na avaliação de conhecimentos (conceitos e técnicas) foram avaliados apenas pela maneira como são utilizados para alargar e adquirir novos conhecimentos.
- Na interiorização do processo de resolução de problemas, os critérios foram vários e diziam respeito a cada uma das fases do processo.
- Na maneira de comunicar as ideias, rumo à solução e comunicação com os outros, discutiu-se no sentido da sua clarificação e sucesso.

Quanto mais organizado é o processo de avaliação, melhor nos informamos dos alunos e em relação ao nosso trabalho, por isso foram utilizadas grelhas de observação e registo. A sua prática contribuiu para um melhor conhecimento dos alunos.

A auto-avaliação (vol. II, anexo 37, pág. 110) foi um processo utilizado e diferenciou-se objectivos quando se detectaram grandes dificuldades em certos alunos, para obter melhores resultados.

5.8.5 Auto-avaliação dos alunos

A auto-avaliação é um processo de regulação⁶⁹, por ser interno ao próprio sujeito. É um processo de metacognição⁷⁰ (processo mental interno) através do qual o próprio toma consciência dos diferentes momentos e aspectos da sua actividade cognitiva (auto-controlo). É um olhar crítico sobre o que se faz, enquanto se faz.

O papel do professor foi central, coube-lhe a responsabilidade de facilitar o desenvolvimento da auto-avaliação tornando o aluno cada vez mais autónomo (auto-avaliação regulada).

As intervenções que permitiram desenvolver a auto-avaliação foram:

- Explicitação/negociação dos critérios de avaliação. Dado o processo de metacognição passar pela confrontação entre as acções a desenvolver na tarefa e os critérios da realização da mesma, o conhecimento deles é fundamental para desenvolver a auto-regulação. Só assim o professor avalia a qualidade de um produto realizado pelo aluno.
- A abordagem positiva do erro, onde o aluno foi capaz de fazer a sua autocorreção, identificando o erro e corrigindo-o. O papel do professor foi de orientação.

⁶⁹ A “auto-avaliação” é um processo utilizado para “regular o processo de ensino/aprendizagem; reformular, no todo ou em parte, a prática lectiva; realizar actividades de recuperação e desenvolvimento (...).” in António A. B. Pinela, *op. cit.*, p. 266.

⁷⁰ O conhecimento metacognitivo é “um dos quatro tipos de conhecimento na taxonomia revista de Bloom, definido como a consciência e o conhecimento da nossa própria cognição.” in Richard I. Arends, *op. cit.*, p. G3.

- O questionamento onde o aluno desenvolveu a capacidade de se autoquestionar quando o professor lhe colocava questões continuamente.

A auto-avaliação regulada é muito importante para regular as aprendizagens. A actividade metacognitiva do aluno acontece quando ele toma consciência dos erros e do confronto dos obstáculos. Coube ao professor favorecer esta situação.

5.8.6 Reflexão sobre a avaliação das actividades

Durante a realização desta actividade, com o estabelecimento de prioridades para efeitos de avaliação de aprendizagens, o professor salientou certos comportamentos e atitudes e planeou a avaliação de acordo com os objectivos seleccionados.

Através das metodologias utilizadas, sendo os objectivos propostos para o desenvolvimento das actividades (desenvolver a capacidade de expressão, comunicação, criatividade e representação gráfica, exploração de diferentes formas de representação gráfica, perceber que a percepção visual das formas envolve a interacção da luz e compreender através da representação das formas, processos subjacentes ao volume) e com a utilização da avaliação como fazendo parte do processo educativo no desenvolvimento das aprendizagens, os resultados foram bastante positivos, na medida em que os alunos desenvolveram-se como um todo, a nível afectivo, cognitivo e psicomotor.

A avaliação formativa foi a principal modalidade utilizada, pois permitiu ao professor orientar e ajudar os alunos quando foram detectadas dificuldades na compreensão e realização das actividades.

Os alunos ao detectarem os próprios erros e ao tentarem ultrapassá-los, proporcionaram o desenvolvimento das aprendizagens (autonomia, responsabilidades, auto-avaliação).

Os objectivos propostos foram cumpridos positivamente, com adaptações a certos alunos que apresentaram mais dificuldades. Os alunos conseguiram adquirir competências para tarefas futuras, com a aquisição de responsabilidade, conhecimentos, habilidades, desenvolvimento de capacidades cognitivas, autonomia e auto-regulação.

A avaliação contínua reporta-se aos objectivos atendendo também ao empenhamento manifestado, à cooperação, à autonomia, ao rigor e à criatividade dos alunos na execução do projecto. Foram reforçados os aspectos positivos do comportamento dos alunos durante as aulas e indicados os aspectos menos correctos que tenham ocorrido para no futuro serem evitados.

CAPÍTULO VI – CONCLUSÃO

6 Conclusão

A disciplina de Educação Visual integra-se na área de Educação Artística onde “foca” os domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho. Esta disciplina é, portanto, fundamental para a “Educação global do cidadão.”

6.1 Prática docente

Nas aulas que leccionei tentei motivar os alunos de várias formas, indo ao encontro das suas necessidades, interesses e dificuldades. Deste modo, usei ou procurei usar vários recursos, além do manual, a saber: transparências, PowerPoint, fichas de trabalho, fichas de trabalho para casa, fichas de consolidação de conhecimentos e de auto-avaliação, tentando sempre que possível aproximá-los do quotidiano, para que os alunos sintam que aquilo que lhes é transmitido será útil para a sua vida futura, nomeadamente no aspecto profissional, e no exercício da cidadania.

O plano de unidade de trabalho deve ser a base do nosso trabalho diário, assim sendo, foi de uma extrema utilidade o tipo de planificações elaboradas, pois permitiu que previamente à execução das aulas discutíssemos e planeássemos as melhores estratégias para aplicar na sala de aula.

Relativamente à execução das aulas notei ao longo do ano uma melhoria ao nível da fluência e clareza com que expunha os conceitos. Notei ainda uma melhoria significativa ao nível da colocação de voz na sala de aula. Na execução das aulas, tentei sempre ao longo do ano movimentar-me adequadamente na sala de aula para melhor visualizar as dificuldades dos alunos, bem como tentar ser sempre o mais rigorosa possível ao nível da linguagem científica.

Na execução das aulas, tenho a dizer que notei uma evolução da primeira para a última aula leccionada, onde verifiquei um maior à vontade nos conceitos.

Não obstante de ter tido uma boa preparação científica, deparei-me com algumas dificuldades no início do estágio, uma vez que a sobrevivência e o crescimento não foram os únicos desafios que me foram colocados, já que nesta actividade se trabalha directamente com seres humanos, o que algumas vezes, fez com que o meu destino inicial de fazer da sala de aula um melhor lugar para os alunos aprenderem e para os professores trabalharem saíssem um pouco frustrados. Contudo devo dizer também que apesar de todas as dificuldades, este primeiro ano de trabalho foi bastante compensador e, sobretudo produtivo em termos profissionais e pessoais.

Com o decorrer do tempo aprendi a gerir a turma e a interagir com os alunos e colegas, enfim, a dar início a todo um processo de socialização.

Em termos profissionais devo dizer que este ano servirá de base para toda a minha carreira profissional, uma vez que iniciei a construção de uma série de materiais que me poderão auxiliar no decorrer da minha carreira.

6.2 Atitudes

Neste parâmetro englobo as relações humanas com todos os agentes da comunidade escolar, a assiduidade e pontualidade.

Relativamente ao trabalho desenvolvido, nomeadamente na minha relação com o meio e com as pessoas envolvidas devo dizer que aprendi muito com todas elas. Este aspecto é importante na medida em que não se pode conceber uma escola fechada e isolada do meio. Cada vez mais a escola é um sistema dinâmico e aberto à participação e, sobretudo, à interacção escola e meio; escola e família; escola e cultura e à relação com alunos. Relativamente às relações humanas com os diversos agentes da comunidade escolar, tentei sempre procurar um bom relacionamento com todos: funcionários e colegas. Aos funcionários, principalmente aos do bloco A e B, tenho a dizer o excelente entendimento que sempre foi demonstrado e as boas relações criadas. A assiduidade e pontualidade foram boas.

Torna-se importante que a educação e a escola percebam que o desenvolvimento educativo de um ser humano é algo de muito mais vasto e global do que a simples aquisição de conhecimentos e de informações. Deste modo, com o desenvolvimento dos vários projectos ao longo do ano pretendeu-se:

- uma boa aceitação da expressão plástica por parte dos alunos;
- todos conseguiram comunicar e desinibir-se;
- conhecer melhor os alunos;
- atingir os objectivos propostos.

Posso concluir que a minha participação e intervenção nesta turma e no meio escolar foi uma experiência positiva.

6.3 Experiência científica

Os conteúdos do programa foram seleccionados de acordo com o que vem descrito no volume II do “*Plano de Organização do Ensino/Aprendizagem.*” Estes conteúdos foram organizados e baseados na prática lectiva tendo “*presente o desenvolvimento cognitivo dos jovens*”.

Os estudos realizados com os alunos, nomeadamente o estudo relativo à aprendizagem cooperativa e o estudo dos elementos distintivos dos alunos que apresentaram uma evolução na classificação ao longo do ano lectivo foram uma base importante para aprender a conhecer melhor os alunos e para refinar as estratégias didácticas de modo a conseguir o melhor resultado final possível.

A experiência da introdução do elemento distintivo que foi a utilização de um fruto ou legume em vez de um objecto artificial permitiu-me, para além de cumprir os objectivos propostos pelo programa para esta unidade de trabalho, também ajudar a estimular e a desenvolver os outros sentidos dos alunos. A Educação Visual deixara de estimular e desenvolver apenas a visão e o tacto e passara a estimular e a desenvolver também o olfacto e o gosto. Algo que com outro objecto não seria possível. Não tenho dúvidas, que perante a observação que fui fazendo das reacções dos alunos ao interagirem com os frutos, que a minha aposta nesta pequena inovação foi ganha, pois os alunos demonstraram ter assimilado nestas aulas uma nova experiência dos sentidos, cuja importância passou a ser mais clara e consciente. Este foi, portanto, o meu contributo para a educação global do cidadão, neste caso dos meus alunos.

Para concluir devo ainda referir que, para efeitos de crítica construtiva, poderia ter feito uma outra análise no que diz respeito aos alunos. O estudo poderia ter abrangido vários alunos de escolas diferentes da mesma faixa etária da região de modo a obter resultados mais abrangentes que nos permitiriam verificar, *in loco*, se as estratégias utilizadas no nosso grupo de ensino foram, de facto, as mais adequadas. Outro aspecto que poderia ter explorado ainda mais é a interdisciplinaridade no Ensino das Artes Visuais.

CAPÍTULO VII – GLOSSÁRIO

7 Glossário⁷¹

ATIVIDADES NA SALA DE AULA – *As actividades que se espera que os alunos façam na sala de aula, como ouvir, participar em discussões, completar fichas de trabalho e responder a testes.*

ALUNO - *Indivíduo que está regularmente matriculado numa disciplina ou curso ou, ainda, que já ingressou numa Instituição de Ensino Superior.*

ALUNO PORTADOR DE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS - *Aluno que apresenta limitações de ordem física (auditiva, visual, mental, motora), psicológica ou emocional, relativamente à sua faixa etária e aos padrões vigentes.*

APLICAR – *Um dos seis tipos de processos cognitivos definidos pela taxonomia revista de Bloom, que consiste na capacidade de aplicar determinados conhecimentos, aplicando e implementando procedimentos específicos de acordo com uma dada situação.*

AQUISIÇÃO DE CONCEITOS – *Uma abordagem indutiva para o ensino de conceitos na qual os alunos apreendem o significado e os atributos de um conceito a partir de exemplos e não – exemplos do conceito apresentados pelo professor.*

ARTE DE ENSINAR – *Grau de realização que permite que decisões complexas sejam baseadas mais na experiência do professor do que na investigação e em provas científicas.*

AVALIAÇÃO – *Processo de julgar , atribuir valor ou decidir acerca do valor de um determinado programa ou abordagem, ou do trabalho de um aluno.*

AVALIAÇÃO FORMATIVA – *Avaliação que ocorre antes ou durante a instrução e que é utilizada para a planificação ou para a realização de adaptações.*

AVALIAÇÃO SUMATIVA – *Avaliação realizada após a instrução para determinar a eficácia do programa ou o valor do trabalho dos alunos.*

COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL – *Competências que promovem a comunicação honesta e o respeito positivo entre os alunos.*

COMPREENDER – *Um dos seis tipos de processo cognitivos na taxonomia de revista de Bloom, definido como a capacidade de interpretar, exemplificar, classificar, sumariar, inferir, comparar e explicar o conhecimento.*

⁷¹ Adaptado de Richard I. Arends, *op. cit.*, pp. G1, G9.

CONHECIMENTO METACOGNITIVO – Um dos quatro tipos de conhecimento na taxonomia revista de Bloom, definido como a consciência e o conhecimento da nossa própria cognição.

CORRELAÇÃO – Termo utilizado para exprimir o modo como duas ou mais variáveis estão relacionadas.

CRIAR – Um dos seis processos cognitivos da taxonomia revista de Bloom, definido como a capacidade de combinar elementos para criar um coerente e/ou reorganizar elementos para criar um novo padrão.

DESENVOLVIMENTO DO GRUPO – Os estádios pelos quais passam os grupos da sala de aula durante o processo de desenvolvimento de um grupo coeso e eficaz.

DIMENSÃO DO PROCESSO COGNITIVO – A dimensão, na taxonomia revista de Bloom, que identifica os processos cognitivos ou de pensamentos necessários a determinadas tarefas de aprendizagem.

DOMÍNIO AFECTIVO – O domínio que classifica os objectivos em função da obtenção de respostas emocionais.

DOMÍNIO PSICOMOTOR – O domínio da taxonomia de Bloom que classifica os objectivos na área do movimento físico e da coordenação

EQUIDADE – Acção de tornar as condições imparciais, justas e equitativas e iguais para toda a gente.

INVESTIGAÇÃO CORRELACIONAL – Tipo de investigação que procura relações entre variáveis que existem naturalmente.

LEMBRAR – Um dos seis tipos de processos cognitivos na taxonomia revista de Bloom, definido como a capacidade de reconhecer e relembrar conhecimento relevante da memória de longo prazo.

MÉDIA – A média aritmética de um conjunto de resultados.

MEDIÇÃO – Processo de recolha de informação sobre os alunos e as salas de aula com o fim de tomar decisões educativas.

MODELO DE ENSINO EXPOSITIVO – Abordagem pedagógica que enfatiza a explicação de novas ideias e informações aos alunos.

MOTIVAÇÃO – O processo através do qual o comportamento é direccionado para objectivos humanos importantes ou para a satisfação de necessidades e motivos.

MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA – Comportamento causado por factores externos, como recompensas, punições ou pressões sociais.

MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA – Ocorre quando as pessoas agem de determinada forma em resposta a um acto que lhes proporciona satisfação ou realização pessoal.

NÍVEL DE DIFICULDADES – Refere-se ao grau de dificuldade que envolve a resposta a uma questão que é colocada a um aluno.

NORMA DE AUTONOMIA – A expectativa existente em muitas escolas segundo a qual os professores são absolutamente autónomos dentro dos limites da sua sala de aula.

OBJECTIVOS COMPORTAMENTAL – Forma de redigir um objectivo de instrução que enfatiza a precisão e a delineação cuidada dos comportamentos esperados dos alunos, da situação de teste e do critério de desempenho.

PEDAGOGIA – Estudo da arte e da ciência de ensinar; também se refere aos métodos e às abordagens da instrução.

PLANIFICAÇÃO DE AULA – Organização da instrução para uma determinada aula ou período.

PODER – Termo utilizado por Bruner para descrever o processo de seleccionar apenas as ideias e os conceitos mais importantes para ensinar aos alunos.

PORTFÓLIO DO ALUNO – A avaliação de portfolios é uma forma de avaliação que classifica uma amostra do trabalho do alunos, e outros feitos levados a cabo ao longo do tempo.

RESPONSABILIDADE DO ALUNO – Responsabilizar os alunos pela sua aprendizagem e o seu comportamento.

TAXONOMIA – Sistema de classificação, ou instrumento, que ajuda a classificar e a mostrar relações entre objectivos e ideias.

TESTE DE DIAGNÓSTICO – Teste utilizado pelos professores para determinar o conhecimento prévio de desenvolvimento das competências dos alunos. A informação é utilizada como auxiliar à planificação.

UNIDADE – Plano de instrução integrado, cobrindo vários dias, e incluindo várias aulas tendo em vista a realização de um conjunto de metas e objectivos comuns.

CAPÍTULO VIII – BIBLIOGRAFIA

8 Bibliografia

Bibliografia citada

- AA.VV. (Jacques Delors), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, 8.^a ed., Porto: Edições Asa, 2003.
- AA.VV., (Rocha de Sousa, ed.), *Didáctica da Educação Visual*, Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- ARENDS, Richard I., *Aprender a Ensinar*, 7.^a ed., Madrid: McGraw-Hill, 2008.
- ARNHEIM, Rudolf, *Arte e Percepção Visual. Uma Psicologia da Visão Criadora.*, S. Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.
- BROPHY, J., *Motivating Students to Learn*, Mahwah - New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2004.
- DIAS, Carmén e SOUSA Sandra, *Educação Visual 3.º Ciclo do Ensino Básico; Artes & Manhas*, Lisboa: Santillana Constância, 2006.
- ECO, Umberto, *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*, 15.^a ed., Lisboa: Editorial Presença, 2009.
- FERNÁNDEZ, Héctor, *Enciclopédia de Educação Infantil*, Recursos para o desenvolvimento do Currículo Escolar, Expressão plástica, vol. V, Lisboa: Nova Presença, 1997.
- FONSECA, António Manuel, *Educar para a cidadania*, Porto: Porto Editora, 1994.
- GARCÍA, Lorenzo, *Enciclopédia de Educação Infantil*, Recursos para o desenvolvimento do Currículo Escolar, Expressão plástica, vol. V, Lisboa: Nova Presença, 1997.
- HOCHTLEITER, Maria Paz Díez, *Enciclopédia de Educação Infantil*, Recursos para o desenvolvimento do Currículo Escolar, Expressão plástica, vol. V, Lisboa: Nova Presença, 1997.
- GIL, Antonio Carlos, *Como elaborar projectos de pesquisa*, São Paulo: Atlas, 1991.
- LAGE, Fernanda & GONÇALVES, Luísa, *Tecnologia dos Ofícios Artísticos*, Lisboa: Universidade Aberta, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa: Gabinete da Ministra, 2005.
- PINELA, António A. B., *Organização e Desenvolvimento Curricular*, Planificação da Prática Lectiva, Lisboa: Sítio do Livro, 2010.

- RIBEIRO, Lucie Carrilho, *Avaliação da Aprendizagem*, Coleção Educação Hoje, s.l., Texto Editora, 1999.
- SOUSA, Rocha de, Desenho (Área: Artes Plásticas), Editorial do Ministério da Educação, Secretaria de Estado do Ensino Superior (I. P. E. D.), Vol. IV, Lisboa: Coleção de Textos Pré-Universitários, 1980.
- SPRINTHALL, Norman A. & SPRINTHALL, Richard C., *Psicologia Educacional*, Lisboa: McGraw-Hill, 1993.
- URIBE, Diego, *Fractal Cuts*, Exploring the magic fractals with pop-up designs, Norfolk: Tarquin Publications, 1995.
- ZITA, Areal, *Educação Visual 3.º Ciclo do ensino Básico; Visualmente, 7, 8, 9*; Porto: Areal Editores, 2002.

Bibliografia não citada

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *A Relação Pedagógica*, Reforma Educativa, s.l., 1991.
- MONTEIRO, Manuela e QUEIRÓS Irene, *Área escola*, Porto: Porto Editora, 1993.
- NELSON, Clarence H., *Medição e avaliação na aula*, Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

Documentos oficiais

Departamento da Educação Básica. *“Ajustamento do Programa de Educação Visual 3.º Ciclo do Ensino Básico; Plano de Organização do Ensino – Aprendizagem”*, vol. II, Ministério da Educação, Lisboa, s.d., vide:

http://sitio.dgicd.min-edu.pt/basico/Paginas/Programas_OrientacoesCuriculares_3EA.aspx

Links da Web

FONTES, Carlos, *Modelos Organizativos de Escolas e Métodos Pedagógicos*, s.l., s.d., vide:

<http://educar.no.sapo.pt/metpedagog.htm>

Guião Projecto Curricular de Turma, s.l., Santillana Constância, s.d., p. 1, vide:

<http://www.iep.uminho.pt/aac/sm/a2004/pct/recursos.htm>

<http://www.robertexto.com/archivo5/aprendizagem.htm>

POMBO, Olga, *Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade*, Selecção e Organização, s.l., s.d., vide:

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>

Normas escolares

AA.VV., *Projecto Educativo*, Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, Covilhã: 2006/2007.

AA.VV., *Regimento do Grupo Seiscentos Artes Visuais*, Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, Covilhã: 2009.

AA.VV., *Regulamento Interno*, Escola Secundária/3 Quinta das Palmeiras, Covilhã, 2009.

PowerPoint

OLIVEIRA, Ema, *Aprendizagem Cooperativa*, Covilhã: disciplina de Psicologia da Educação, 2009.

Revistas

ORNELAS, Marta, *Motivar e ensinar através da experimentação*, Caldas da Rainha: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa: 2009.

RIBEIRO, Lucie Carrilho, *Avaliação da Aprendizagem*, Colecção Educação Hoje, s.l., Texto Editora, 1999.